

Claudionor Alcides Lima Pirola

**EDUCAÇÃO E FILANTROPIA NA SOCIEDADE DE
ASSISTÊNCIA AOS TRABALHADORES DO CARVÃO
(CRICIÚMA, 1959-1969)**

Dissertação submetido(a) ao Programa
de Pós Graduação em Educação da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Título de
Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Claricia Otto.

Linha: Sociologia e História da
Educação.

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pirola, Claudionor Alcides Lima

Educação e Filantropia da Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão (Criciúma, 1959-1969) / Claudionor Alcides Lima Pirola ; orientadora, Claricia Otto - Florianópolis, SC, 2014.p. 100.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Assistencialismo. 3. Educação Profissionalizante. 4. Filantropia. 5. Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão. I. Otto, Claricia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Agradecimentos

À minha família, pelo apoio e incentivo durante minha trajetória acadêmica. Em especial à minha mãe, Rita de Cassia Lima Pirola, professora da educação infantil, que me orientou a buscar nos estudos uma fonte de inspiração e motivação.

À minha orientadora, Professora Dr.^a Claricia Otto, por ter acreditado na realização deste trabalho, e nesta ideia. Pela paciência, compreensão e apoio durante o Mestrado. Buscando incentivar, motivar e me apoiar durante este percurso, muitas vezes difícil, no qual, palavras de incentivo e apoio, são fundamentais para seguirmos em frente.

Ao Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da UFSC, que me acolheu e apoiou como aluno, acreditando que mesmo não tendo tempo para me dedicar exclusivamente ao programa de Mestrado, conciliando Trabalho e Estudo, esta dissertação seria possível.

A todos os alunos do projeto Xadrez Que Educa, desenvolvido em Içara. Em especial, a Kathiê Goulart Librelato, Giovane Santiago Leacina, Tiago Rosa de Mello, Mateus Santiago da Silva, João Mendes de Souza, Ana Julia Librelato, Isadora Rocha Nicoladeli, Gisele Leacina e Marielly Braun Hellmann - primeiros alunos do projeto, iniciado em 2012, e que hoje são sinônimos do Xadrez Içarense e são exemplos para muitos jovens. Durante esta caminhada, vocês foram fonte de inspiração e motivação para o término desta dissertação.

Aos colegas do Mestrado e antigos companheiros do curso de Graduação, pela amizade, companheirismo e apoio nesta caminhada.

A todos os professores que passaram pela minha vida, em especial aos professores de minha Graduação e Mestrado, que tive o prazer de conhecer, e a honra de ter tido a oportunidade de aprender com seus ensinamentos e experiências. Sem vocês, este trabalho não seria possível.

A todos, muito obrigado.

RESUMO

A Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão (SATC) foi fundada em 1959, em Criciúma (SC), por meio das empresas mineradoras catarinenses. Visava realizar medidas assistencialistas e profissionalizantes com os filhos dos mineiros da região carbonífera. Esta pesquisa analisou a SATC no que se refere ao seu caráter filantrópico e à sua atuação no campo educacional, tanto no que diz respeito à educação profissionalizante oferecida pela instituição escolar, quanto à educação prestada nas vilas operárias da região carbonífera com o trabalho de puericultura, oficinas e cursos populares. O recorte temporal foca o período de 1959, quando a Instituição é fundada, até 1969, quando a Escola transforma-se em escola técnica e consolida-se na região. De modo abrangente, problematizou-se a história oficial da Instituição pautada na filantropia e benevolência à família mineira. De modo específico, compreendeu-se o papel da Instituição SATC na educação e formação dos filhos dos mineiros da região Sul catarinense, fazendo-se para isso, uma análise do discurso presente nos documentos de criação da SATC no início da década de 1960, em especial, o trabalho apresentado pela SATC, em 1965, no II Simpósio Nacional do Carvão. Os relatórios de atividades da Instituição desse mesmo período foram tomados para a análise das ações e da rede de atuação da SATC no atendimento às famílias mineiras, seja por intermédio da Escola, seja por meio de sua rede de assistência social. Como aportes teóricos utilizam-se as categorias de micro-poder, formação discursiva, instituição de reclusão e sequestro, de acordo com a perspectiva de Michel Foucault. Para se compreender o teste de seleção e as regras de permanência na Instituição, foram tomados os conceitos de *habitus*, capital social e cultural, segundo Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: Assistencialismo. Educação profissionalizante. Filantropia. Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão.

RESUMEN

La sociedad de asistencia a los trabajadores del carbón (SATC) fue fundada en 1959, en Criciúma (SC), por medio de las empresas mineras catarinenses. Dirigidas a realizar medidas asistenciales y profesionales con los hijos de los mineros de La región del carbón. Esta investigación analizó La SATC en lo que respecta a su carácter filantrópico escolar, como la educación ofrecida en las villas operarias de La región del carbón con El trabajo de puericultura, talleres y cursos populares. El marco de tiempo se centra en El período de 1959, cuando la institución es fundada, hasta 1969 cuando la Escuela se transforma en una escuela técnica y se consolida en la región. De modo abarcado se problematiza la historia oficial de esa Institución pautada en la filantropía y benevolencia de la familia minera. De modo específico, se comprendió el papel de la Institución SATC en la educación y formación de los hijos de los mineros de la región Sur Catarinense, haciendo para esa, un análisis del discurso presente en los documentos de creación de la SATC en el inicio de la década de 1960, en especial, el trabajo presentado por la SATC, en 1965, en el II Simposio Nacional del carbón. Los informes de actividades de la Institución de ese mismo período fueron tomados para el análisis de las acciones y red de actuación de la SATC en el atendimento de las familias mineras sea a través de la Escuela, sea por medio de su red de asistencia social. Como aportes teóricos se utilizan las categorías de micro-poder, formación discursiva, institución de reclusión y secuestro, de acuerdo con la perspectiva de Michel Foucault. Para comprenderse la prueba de selección y las reglas de permanencia en la Institución, fueron tomados los conceptos de habitus, capital social y cultural, según Pierre Bourdieu.

Palabras-claves: Asistencialismo. Formación profesional. Filantropía. Sociedad de Asistencia a los Trabajadores del Carbón.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Região Sul de Santa Catarina.....	37
Figura 2- “Ciclo da Ignorância”	57
Figura 3- Logotipo da SATC.....	70
Figura 3- Escola Industrial Masculina da SATC.....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Trabalho de Puericultura realizado até 1969.....	63
Tabela 2- Visitas Domiciliares.....	66
Tabela 3- Cursos Populares da SATC.....	68
Tabela 4- Renda Advinda das Empresas Mineradoras.....	73
Tabela 5- Contribuição por empresa mineradora (1964).....	75
Tabela 6- Número de Alunos (1963-1969).....	80
Tabela 7- Distribuição de Alunos por Empresa Mineradora (1969).....	82
Tabela 8- Ginásio Industrial da SATC.....	87
Tabela 9- Prêmios Oferecidos pela SATC.....	89

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	SITUANDO A SOCIEDADE DE ASSISTÊNCIA AOS TRABALHADORES DO CARVÃO (SATC)	37
2.1	A SATC E O COMPLEXO CARBONÍFERO	43
3	EDUCAÇÃO ASSISTENCIALISTA.....	52
3.1	RELIGIOSAS E MINERADORES NA FORMAÇÃO DE UMA NOVA GERAÇÃO	61
4	EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE: A ELITE TRABALHADORA.....	70
4.1	A FABRICAÇÃO DA ELITE TRABALHADORA.....	77
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
	DOCUMENTOS/FONTES	95
	REFERÊNCIAS	96

1 INTRODUÇÃO

Por mais distante e imparcial que um pesquisador tente ser em relação a seu objeto de pesquisa, é errôneo imaginar que ele possa adquirir a habilidade de se distanciar por completo, e, “de cima” anular-se como sujeito, desligado de sua subjetividade, experiência de vida e posicionamentos políticos. Todo pesquisador está imerso em um mundo real, os problemas levantados na pesquisa, não são problemas do passado, são questões levantadas no presente. Todo pesquisador, ainda fala de um local, é uma pessoa real, em um contexto social e histórico específico, que o influencia na sua construção como ser humano e como pesquisador. Os documentos também não falam por si só, o pesquisador deve inquiri-los. E as questões e problemáticas levantadas são questões do presente e não do passado. Thomas Popkewitz apresenta um interessante exemplo nessa direção:

O primeiro exemplo é o das pirâmides do Egito. Não foi senão a partir do final do século XVIII que as pirâmides se tornaram objeto de investigação. Fazer perguntas sobre essas pedras como monumentos exigia, primeiramente, uma auto-reflexividade pela qual as pessoas pudessem perguntar como o conhecimento e as instituições são socialmente construídas ao invés de teleologicamente dadas. Antes disso as pirâmides eram ‘vistas’ como blocos de pedra situados, sem serem notados, num deserto (Block [sic], 1963). Eram lugares pelos quais as pessoas passavam e escreviam *graffiti*¹.

Nesse sentido, o interesse pelo tema encontra-se inscrito numa multiplicidade de experiências pessoais, acadêmicas e profissionais. Ao completar sete anos em 1996, ingressei na escola da Prefeitura Municipal de Criciúma (PMC-SATC), que por meio de convênio com a SATC, em 1993, utilizava o espaço físico desta, para as aulas do ensino fundamental do município, e garantia vagas nos cursos profissionalizantes da SATC a alunos do município, mediante a concessão de bolsas de estudos subsidiadas pela cidade. Entre as

¹ POPKEWITZ, Thomaz. S. História do currículo, regulação social e poder. In: SILVA, Thomas Tadeu da (Org.). **O Sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 175-176.

contrapartidas do município estava a contratação do corpo docente; o pagamento de três mil e quinhentos UFIR² mensais; o fornecimento da merenda escolar; e a contratação de um técnico agrícola³. Tal convênio permitiu que, ao completar a 4ª série da chamada escola primária, tivesse a possibilidade de ingressar na SATC, que em 1999, oferecia apenas o ensino médio e técnico, sem a necessidade de passar pelo teste de admissão/seleção.

Completei o ensino médio, formando-me no curso técnico de Informática Industrial em 2006. Sendo assim, considerável parte de minha trajetória escolar deu-se nos bancos escolares da SATC. O período em que estudei nessa Instituição de ensino corresponde ao período de reestruturação da SATC, a qual começou a cobrar mensalidade, além de aumentar gradativamente, o valor cobrado. No fim de minha formação técnica, além do ensino fundamental, médio e técnico, também havia, na Instituição, cursos de graduação e pós-graduação na área tecnológica e de jornalismo. Igualmente tive uma participação ativa nas atividades oferecidas pela Instituição, sendo trompetista da Banda Marcial da SATC, por sete anos, banda formada e mantida desde 1965. Também participava representando a Instituição em competições escolares na modalidade de xadrez. Tais engajamentos nas atividades esportivas e da Banda Marcial possibilitaram que eu conseguisse uma bolsa de estudo a partir do 1ª ano do ensino médio.

Tal experiência escolar permitiu o contato com o aspecto que entendo como contraditório e confuso, em relação ao aspecto privado e filantrópico da Instituição. Esses começaram a chamar a atenção e influenciar meu desejo por entender e investigar o caráter filantrópico e em especial a história de formação da SATC. Ao mesmo tempo em que tinha acesso à história oficial de construção da Instituição e sua benevolência para com os filhos dos mineiros, vivenciava uma realidade, na qual o acesso a Instituição ocorria por meio de: teste de seleção, valor da mensalidade relativamente alto e, um processo de concessão de bolsas complexo e burocratizado.

Ademais, ao iniciar minha graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2007, tive, como primeiro emprego, um estágio como professor de Informática e, posteriormente, de Xadrez, na Associação de Pais e Amigos da Criança

² Unidade de Referência Fiscal (UFIR).

³ **TERMO DE CONVÊNIO ENTRE PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA E A SATC.** 1993. Acervo do município.

e do Adolescente do Morro das Pedras (APAM), em Florianópolis (SC), Instituição sem fins lucrativos, mantida por meio de recursos públicos, em especial municipais, com contratação de professores, estagiários, subvenção para alimentação dos alunos, entre outras. Trabalhei na referida Instituição até o ano de 2010, tendo, assim, contato e vivência numa instituição sem fins lucrativos.

Minha trajetória de vida também esteve marcada pelo esporte, mais especificamente no Xadrez, que pratico desde os quatorze anos de idade, sendo desde 2012 minha fonte de renda. Exerço, na cidade de Içara (SC), o trabalho de técnico de xadrez, no qual sou responsável pela implantação, em algumas escolas da cidade, de oficinas de xadrez no contraturno escolar, formando uma equipe de base do município de Içara, que representa a cidade em competições de categoria. Os atletas estão organizados em um Clube de Xadrez, denominado Associação Sul Catarinense de Xadrez (ACX-Içara), uma Associação sem fins lucrativos, cujo objetivo é a difusão e incentivo à prática do xadrez. Nessa instituição, exerço o cargo de diretor técnico há três anos, sendo um dos fundadores da associação em 2008.

Essas experiências profissionais em instituições sem fins lucrativos possibilitaram ter um contato mais próximo com o funcionamento administrativo de uma instituição filantrópica, e influenciaram a curiosidade acadêmica por entender e problematizar a filantropia exercida pela SATC nas décadas de 1950 e 1960.

As Associações Privadas sem fins lucrativos, conhecidas também como Terceiro Setor, passaram a ter maior relevância e espaço na sociedade contemporânea. Elas encontram-se em diversas áreas da sociedade, como por exemplo, na educação, saúde, esporte. Tais instituições ganharam importante impulso na década de 1990. Virgínia Fontes, em sua obra *O Brasil e o Capital-Imperialismo: Teoria e História*, mais especificamente nos capítulos IV: *Contra a ditadura: Luta de classes e sociedade civil no Brasil capitalista (1970-1980)* e V: *Lutas de classes e sociedade civil na década de 1990: o que muda da Abong às Fasfil*, analisa a expansão das instituições filantrópicas no Brasil, fazendo um breve histórico de tais instituições, levantando elementos críticos para se pensar as entidades sem fins lucrativos nos diversos campos da sociedade, como educação, assistência social, arte e cultura⁴. A autora traça uma perspectiva buscando desnaturalizar e problematizar a filantropia dessas instituições. Fontes destaca a ligação

⁴ FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ, 2010.

destas com as entidades privadas e com a perspectiva neoliberal de organização da sociedade e da educação. Na perspectiva neoliberal, a educação, aos poucos, deixa cada vez mais de ser responsabilidade do Estado e passa a ser controlada e administrada pela “sociedade civil”, por meio de Organizações Não Governamentais (ONGs) ou de Entidades Privadas. A década de 1990 foi um período caracterizado pelo discurso que designava ao Estado, “grande” e ineficiente, significativa parcela dos problemas sociais.

Se as desigualdades brasileiras eram por demais evidentes para serem negadas, seriam agora sistemática e reiteradamente imputadas à incompetência e ineficácia governamentais. Esses termos foram exaustivamente empregados para questões, setores sociais e alvos diferentes uns dos outros. [...] Atribuir todas as causas à incompetência genérica do Estado brasileiro permitia ressaltar o novo foco – gerenciar de maneira privada, concorrencial e lucrativa políticas públicas voltadas para a maioria da população⁵.

Com tal discurso, direitos sociais e constitucionais, como, por exemplo, saúde e educação, passaram a ser cada vez mais gerenciados pela esfera privada e por instituições pretensamente sem fins lucrativos, que, com recursos públicos, administravam áreas, as quais, por serem um direito constitucional, deveriam ser responsabilidade do Estado. Nessa perspectiva, Gaudêncio Frigotto e Maria Ciavatta, analisam os Parâmetros Curriculares Nacionais da educação (PCN) da década de 1990 e seu caráter “privatista” e mercantilista, assim como sinalizam a expansão das instituições privadas no sistema de educação básica brasileira, e que organismos, como o Conselho Nacional de Educação (CNE), Ministério da Educação e Cultura (MEC), e o próprio debate em relação à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e o Plano Nacional da Educação (PNE), passaram por interferência do *Lobby* das instituições privadas, que nos primeiros governos da década de 1990, Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, detiveram um importante espaço no debate educacional, assim como a

⁵ FONTES, 2010, op. cit., p. 273.

representação da maioria dos membros do Conselho Nacional de Educação⁶.

Prevalecendo o caráter consultivo do CNE e sob égide do MEC, ao longo dos oito anos de mandato do Governo Cardoso o ministro Paulo Renato Souza nomeou os conselheiros em número mais que suficiente para que nada, que fosse fundamental ao projeto educacional preconcebido, escapasse do seu controle. Na primeira composição foram incluídos alguns nomes sugeridos pelas entidades do magistério, mas sem força suficiente para além de retardar ou dificultar algumas medidas. No segundo mandato do ministro (1998-2002), CNE, reeditando o passado, foi espaço de legitimação do projeto mercantilista e privatista do Governo Cardoso⁷.

Destaca-se, desse modo, a relevância e a maior preponderância que as Instituições privadas, sem fins lucrativos, vêm ganhando na sociedade, e, neste caso específico, na educação.

Este trabalho apresenta assim, um estudo sobre parte da trajetória da Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão (SATC), em Criciúma (SC), no período de fundação e consolidação, e o seu discurso visando legitimar e apresentar os objetivos de sua educação assistencialista e profissionalizante. Atualmente, a instituição é uma das maiores escolas da região carbonífera catarinense, contando com apoio público, em razão de seu caráter filantrópico. A defesa de sua filantropia baseia-se na história de serviços prestados pela Instituição para com os mineiros e seus filhos. Por entender a relevância do papel histórico da instituição em foco, em defesa de seu estatuto filantrópico, este trabalho analisa a história de fundação da SATC, dialogando e problematizando a história oficial da referida instituição.

A SATC foi fundada em 2 de maio de 1959, por iniciativa das empresas mineradoras e pelo sindicato nacional da categoria⁸. As

⁶ FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica de mercado. In: **Educação e sociedade**, v. 24, n.º 82. Campinas: abril de 2003, p. 93-130.

⁷ FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria, 2003, op. cit. p. 11.

⁸ As empresas sócias da SATC na década de 1960 são: Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Cia. Bras. Carbonífera Araranguá (CBCA), Cia. Carbonífera Metropolitana, Sociedade Carbonífera Prospera S. A., Cia. Carbonífera Catarinense S.A., Sociedade Carbonífera Rio Maina Ltda., Carbonífera Pinheirinho, Carbonífera Santa Barbara Ltda., Sociedade Carbonífera Monte-Negro Ltda., Sociedade Carbonífera Boa Vista Ltda., Carbonífera Treviso S.A.,

empresas mineradoras comprometeram-se a financiar a SATC destinando a receita de 2% de cada tonelada⁹ de carvão vendido, por empresa mineradora, à Instituição. Estatutariamente, a SATC visava realizar medidas assistencialistas e escolares envolvendo as famílias mineiras¹⁰. Atuando sob duas estratégias de ação junto aos mineiros: uma educacional escolar, por meio da escola industrial masculina voltada para os filhos dos mineiros, e as medidas educacionais desenvolvidas com as famílias mineiras (em especial as mães), por meio do Serviço Social prestado nas vilas operárias de Criciúma e de regiões próximas. Para executar esse plano de ação, a SATC assinou convênio com a Congregação das Irmãs da Divina Providência, com a finalidade de realizar medidas de assistência social e puericultura com as famílias mineiras; com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), para o aporte técnico das disciplinas profissionalizantes que seriam oferecidas pela escola industrial masculina; e, com os Irmãos Maristas, para cuidar da disciplina interna da Escola, administração do internato, bem como das disciplinas que não envolviam o ensino profissionalizante.

Planejada desde 1959, teve sua abertura em 1963 e, ao ampliar os cursos profissionalizantes, em 1969, transformou-se em Escola Técnica, consolidando-se na região. Atualmente, além de escola primária e secundária, oferece cursos técnicos, cursos de graduação e de pós-graduação¹¹.

O campus possui uma área total de 550.000m², sendo 33.000 m² de área construída. Seus 60 laboratórios possuem equipamentos de nível tecnológico avançado. São 83 salas de aula,

Carbonífera União Ltda., Sociedade Brasileira Carbonífera Progresso Ltda., Companhia Carbonífera “São Marcos”, Companhia Carbonífera Urussanga (CCU), Sociedade Carbonífera Brasil Ltda., Companhia Nacional de Mineração de Carvão do Barro Branco, Mineração Geral do Brasil Ltda., Jorge Cechinel – Mineração Rio Carlota, Carbonífera Criciúma Ltda, Sindicatos dos Trabalhadores na Indústria da Extração de Carvão de Criciúma, Urussanga e Lauro Muller e a Federação Inter-Estadual dos sindicatos dos trabalhadores na indústria de Extração do carvão. Estas seriam as entidades sócio-fundadoras da SATC. Disponível em: **Diário Oficial**: Estatuto da SATC. 1960, p. 12. Acervo da SATC.

⁹ Uma tonelada é equivalente a mil quilogramas.

¹⁰ Art 3º - “A sociedade terá por finalidade prestar assistência hospitalar em casos clínicos, farmacêutica, dentária, educacional-técnica, habitacional, recreativa e outras aos empregados da indústria, expostos em toda a zona carbonífera e aos que exerçam atividades correlatas às mesmas indústrias e suas famílias.” **Diário Oficial**: Atualização e Reforma dos Estatutos da SATC. 1964, p. 12. Acervo da SATC.

¹¹ Para conhecer mais sobre a estrutura e abrangência da SATC: << <http://www.portalsatc.com> >>. Acesso em: 12 de set. 2013.

biblioteca com 30 mil títulos, complexo esportivo com dois ginásios cobertos, dois campos de futebol e pista de atletismo. Possuem atualmente cerca de sete mil alunos e 650 colaboradores¹².

Até a década de 1990, o ensino era gratuito, sendo subsidiado pelo governo federal, estadual, municipal e por uma porcentagem da produção das empresas mineradoras. Com a crise da indústria carbonífera na década de 1990, a entidade passou por um período de reestruturação e começou a cobrar mensalidades, e utilizar seu estatuto filantrópico, para ampliar a captação de recursos públicos para sua manutenção e ampliação. A SATC tem como CNPJ o nº 83.649.830/0001-71, seu registro na receita federal consta como Instituição privada sob o código de natureza jurídica: 399-9, o qual corresponde à Instituição sem fim lucrativo (código inicial 3) sob “outras formas de associação.”¹³.

A principal justificativa para a construção da Instituição foi o intuito de enfrentar os problemas sociais na região Sul catarinense na década de 1950 e 1960. Com o acréscimo populacional estimulado pelo crescimento da indústria carbonífera, a cidade de Criciúma e a região sofreram com o crescimento populacional, e um dos maiores índices de mortalidade infantil do Brasil, além dos conflitos sindicais entre mineiros e empresas mineradoras. Para combater a mortalidade infantil e a instabilidade social da região, e ajudar assim a melhorar as condições de vida da comunidade mineira, a SATC apresenta-se como criada pela “benevolência” das empresas mineradoras para com os mineiros da região carbonífera.

O que se intenta ao retomar a história dessa instituição é construir outra compreensão histórica possível, sobre a sua trajetória, não apenas pautada na visão das mineradoras que narram essa história, como uma iniciativa “benevolente” e descompromissada, mas sob uma perspectiva crítica que observa na Instituição e na capilaridade de suas ações e discursos, estratégias de vigilância, normatização e disciplinarização dos mineiros ao processo de modernização do complexo carbonífero sul catarinense.

¹² Disponível em: << [<http://www.portalsatc.com/site/interna_institucional.php?i_grupo=143>>](http://www.portalsatc.com/site/interna_institucional.php?i_grupo=143). Acesso em: 13 de set. 2013.

¹³ Disponível em: << [<http://www.receita.fazenda.gov.br/pessoajuridica/cnpj/cnpjreva/cnpjreva_solicitacao.asp>>](http://www.receita.fazenda.gov.br/pessoajuridica/cnpj/cnpjreva/cnpjreva_solicitacao.asp). Acesso em: 13 de set. 2013.

Isso significa também, um questionamento a respeito do caráter filantrópico da citada Instituição. A filantropia outorga um conjunto de benefícios à Instituição em questão, sendo um deles a possibilidade de captação de recursos públicos. Um eixo central da defesa da filantropia da SATC encontra-se na defesa de sua história. Ao se realizar um trabalho de alargamento para a compreensão de sua trajetória histórica, observando não apenas atos filantrópicos, mas principalmente relações de poder e interesses, abrem-se o debate do próprio caráter filantrópico que a Instituição possui ainda hoje e a política pública de financiamento das instituições filantrópicas.

Por ser um objeto de pesquisa no qual se está intimamente inserido, pela experiência escolar na instituição de ensino, mesmo que em um período posterior ao recorte elegido para esta análise, há cuidados que se devem tomar. Nesse aspecto, Pierre Bourdieu faz uma importante reflexão sobre o assunto, que ajudou a construir esta análise acerca da trajetória deste pesquisador e sua posição e experiência em relação ao objeto e tema de pesquisa. Em sua obra *Homo Academicus*, Bourdieu reflete de forma crítica o universo universitário francês em que o pesquisador estava inserido¹⁴. Seu primeiro capítulo: “Um livro para queimar”, trabalha sobre os desafios e cuidados que o pesquisador deve ter, ao ter como objeto de pesquisa, algo em que o pesquisador está socialmente envolvido. O título de seu primeiro capítulo foi escolhido por inspiração ao nome que Li Zhi, mandarim, um exilado chinês, dava às obras autodestrutivas, que tratavam de assuntos em que o próprio autor estava inserido socialmente¹⁵. O título tem assim particularidade com que Bourdieu trabalha no primeiro capítulo, pois explora a dificuldade e os problemas epistemológicos do pesquisador, quando este toma por objeto um mundo social no qual está diretamente ligado, tornando difícil a diferenciação entre o conhecimento prático baseado na empiria e o conhecimento erudito, e o longo trabalho que deve ser feito não somente com/sobre o objeto de pesquisa, mas também sobre o sujeito da pesquisa. Por seu livro buscar entender o *homo academicus* e pelo próprio Bourdieu estar diretamente ligado ao mundo acadêmico, apresenta reflexões e esclarecimentos a respeito dos cuidados metodológicos que se deve ter. Uma interessante reflexão é que o trabalho que se realiza é um instrumento de “poder”, e o pesquisador, ao

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Tradução: Ione Ribeiro Valle; Nilton Valle. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. 2011, op. cit., p. 26.

refletir sobre a realidade em que está inserido, corre o risco de, ao não tomar cuidado (ingenuamente ou não) transformar seu trabalho em um instrumento desse jogo de poder:

A análise (apresentada em anexo) do processo ao final do qual se acha atribuída a notoriedade jornalística tem por objetivo primeiro denunciar a ingenuidade de todas as denúncias pessoais que, sob a aparência de objetivar o jogo, dele participam ainda mais plenamente na medida em que tentam colocar as aparências da análise à serviço dos interesses associados a uma posição neste jogo.¹⁶

Porém, Bourdieu também entende como equivocada a tentativa do pesquisador de se anular como sujeito, tentando assim se colocar como árbitro e juiz na análise do objeto, pois, tal tentativa também pode ter a “ambição propriamente política – no sentido específico – que esconde esse neutralismo cientificista”¹⁷. Ou seja, não existe objeto de pesquisa que não envolva um ponto de vista.

Toda tomada de posição sobre o mundo social se ordena e se organiza a partir de uma determinada posição nesse mundo, isto é, do ponto de vista da conservação e do aumento do poder associado a essa posição. É por isso que, num universo que, como o campo universitário depende na sua própria realidade da representação que têm os agentes, estes podem tirar partido da pluralidade dos princípios de hierarquização e do baixo grau de objetivação do capital simbólico para tentar impor sua visão e modificar, na medida de seu poder simbólico, sua posição no espaço modificando a representação que os outros (e eles mesmos) podem ter desta posição¹⁸.

Apesar do tom de cautela e de reflexão crítica sobre os equívocos que se pode cometer ao analisar um objeto de pesquisa próximo, Bourdieu vai sinalizando os caminhos a que se deve estar atento, em especial à *vigilância epistemológica*, ao se trabalhar também

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. 2011, op. cit., p. 24.

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. 2011, op. cit., p. 27.

¹⁸ BOURDIEU, Pierre. 2011, op. cit., p. 35-36.

o sujeito da pesquisa. Apesar do tom um tanto quanto áspero, deixa a impressão que entende o campo acadêmico e seus jogos de poder simbólicos, como importantes fontes de reflexão e de trabalho, mas que exige um grande esforço do pesquisador de não cair nas várias armadilhas que envolvem a pesquisa de um objeto social em que se está ligado. Assinala a

necessidade de integrar duas visões, objetivista e perspectivista, à custa de um trabalho que tende a objetivar a objetivação, a fazer a teoria do efeito de teoria, se impõe por outra razão, sem dúvida fundamental, tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista ético ou político: a construção erudita do espaço ‘objetivo’ dos agentes e das propriedades ativas tende a substituir a percepção global e confusa da população dos ‘poderosos’ por uma percepção analítica e reflexiva, destruindo assim a fluidez e a nebulosa imprecisão e incerteza que são constitutivos da experiência ordinária¹⁹.

As fontes utilizadas nesta pesquisa, para subsidiar a construção da história da SATC, foram os documentos da Instituição na década de 1960: os relatórios de atividades de cada ano da Instituição; o regimento interno; as atas de fundação da instituição; o trabalho apresentado pela SATC no II Simpósio do Carvão Nacional, em 1965, no qual é apresentada a Tese da SATC sobre as causas da mortalidade infantil. Ao analisar tais documentos, buscou-se entender como a entidade procurava legitimar sua ação, qual seu olhar e entendimento sobre os mineiros, e como a mortalidade infantil era interpretada. Observa-se, ao mesmo tempo, nos relatórios a capilaridade de ações promovidas pela SATC, seja por intermédio da escola Industrial ou da rede de assistência social, como número de alunos, cursos oferecidos, núcleos de atuação, atividades realizadas, e como se dava o atendimento filantrópico da Instituição e a política de acesso.

O principal discurso contido nos documentos da SATC é que a culpa da mortalidade infantil seria dos próprios mineiros, que, por sua ignorância e pela falta de preparo, não sabiam “viver corretamente”. Isso gerava um ciclo, chamado pelos representantes da Instituição de “ciclo

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. 2011, op. cit., p. 41.

da ignorância”, que se repetia com os filhos desses mineiros, os quais quando adultos preservavam os vícios de seus pais e repassavam para seus filhos, reiniciando o “ciclo da ignorância”. A SATC era pensada, então, como ferramenta de intervenção na comunidade mineira, e as crianças eram entendidas como o *elo* desse ciclo que poderia ser rompido, ajudando-se, assim, os mineiros a saírem de seu “ciclo da ignorância”. O modelo explicativo apresentado, além disso, é usado para justificar as greves e reivindicações mineiras por melhores salários e segurança no trabalho nas décadas de 1950 e 1960. Ou seja, se os mineiros estavam fazendo greve era em virtude de sua ignorância e por influência de doutrinas espúrias. Para romper esse ciclo e educar os mineiros para o trabalho, a SATC, apresenta-se como fiel colaboradora dos mineradores.

Por meio da reflexão sobre o período de emergência da SATC na década de 1960, é possível perceber as limitações das afirmações de que a SATC seria apenas uma obra “benevolente das empresas mineradoras”. Constata-se igualmente a possibilidade de a Instituição servir como um braço institucional das empresas mineradoras do sul catarinense, para exercer um poder de controle e normatização da comunidade mineira. Para tanto, a categorização de Michel Foucault sobre o que seria um *micro-poder*, é importante apoio para esta reflexão. Roberto Machado assim se refere ao pensamento de Foucault:

Uma coisa não se pode negar às análises genealógicas do poder: elas produziram um importante deslocamento com relação à ciência política, que limita ao Estado o fundamental de sua investigação sobre o poder. Estudando a formação histórica das sociedades capitalistas, através de pesquisas precisas e minuciosas sobre o nascimento da instituição carcerária e a constituição do dispositivo de sexualidade, Foucault, a partir de uma evidência fornecida pelo próprio material de pesquisa, viu delinear-se claramente uma não sinonímia entre Estado e poder. Descoberta que de modo algum é inteiramente nova ou inusitada. Quando revemos suas pesquisas anteriores sob esta perspectiva, não será indiscutível que aquilo que poderíamos chamar de condições de possibilidade políticas de saberes específicos, como a medicina ou a psiquiatria, podem ser encontradas, não por uma

relação direta com o Estado, considerado como um aparelho central e exclusivo de poder, mas por uma articulação com poderes locais, específicos, circunscritos a uma pequena área de ação, que Foucault analisava em termos de instituição? Mais recentemente, esse fenômeno não só tem sido explicitado com maior clareza, mas analisado de modo mais minucioso e intencional. O que parece como evidente é a existência de formas de exercícios de poder diferentes do Estado, a ele articuladas de maneiras variadas e que são indispensáveis inclusive a sua sustentação e atuação eficaz²⁰.

Nesse sentido, tem-se uma perspectiva de análise de poder, por meio do qual é exercido de forma não necessariamente emergindo e subordinado ao poder do Estado, como na ciência política clássica, ou de um poder sendo exercido por uma classe geral e genérica (burguesia) sobre a classe trabalhadora (também de forma genérica), como na perspectiva marxista clássica. Tem-se a perspectiva de que o poder surge, muitas vezes de maneira independente, na periferia do poder estatal, sendo constituído por micro-relações de poder entre indivíduos, instituições, micro-classes, que não necessariamente estão ligados ao poder central do Estado.

Poder este que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder²¹.

Tal conceituação sobre micro-poder, ajuda a pensar a constituição da SATC no final da década de 1950, como uma tentativa de vigilância, controle e normatização das famílias mineiras. Tal período está marcado pela historiografia regional, como de conflitos sindicais na região de Criciúma, com sequências de greves por melhores salários e condições de trabalho, e de expansão e modernização relativa do

²⁰ MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003, p. XI.

²¹ MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, Michel, 2003, op. cit., p. XII.

complexo carbonífero Sul catarinense. O processo de modernização também necessitava de uma mão de obra disciplinada e uma produção mais racionalizada, podendo-se, desse modo, lançar a hipótese da constituição da SATC como um micro-poder organizado institucionalmente para responder a esses desafios do período de 1950-1960 de modo a assegurar o projeto de cidade das empresas mineradoras.

Não se tratava, porém, de minimizar o papel do Estado nas relações de poder existentes em determinada sociedade. O que se pretendia era se insurgir contra a ideia de que o Estado seria o órgão central e único de poder, ou de que a inegável rede de poderes das sociedades modernas seriam uma extensão dos efeitos do Estado, um simples prolongamento ou uma simples difusão de seu modo de ação, o que seria destruir a especificidade dos poderes que a análise pretendia focalizar²².

Algo que colabora com essa perspectiva foucaultiana é percebermos a conjuntura de emergência da SATC, que surge antes do governo militar instituído pelo golpe de Estado, em 1964. O governo militar foi caracterizado como um dos grandes incentivadores da política educacional voltada ao ensino profissionalizante, e percebe-se pelos documentos, que a SATC ganha maior impulso e apoio estatal após o golpe militar. Porém, a SATC, como instituição profissionalizante técnica, surge antes desse período, muito mais por uma iniciativa estratégica local das empresas mineradoras para suas necessidades políticas econômicas, do que de um poder estatal.

É importante esclarecer, que quando se toma a SATC como um micro poder institucional das empresas mineradoras, não se toma o conceito de poder, como exclusivamente repressivo. Bem lembrado por Roberto Machado é o fato de que

ninguém desconhece, por exemplo que a difícil questão da repressão está sempre polemicamente presente em livros como *Vigiar e punir* e *A Vontade de Saber*, onde ele está constantemente querendo demonstrar que é falso definir o poder

²² MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, Michel, 2003, op. cit., p. XIII.

como algo que diz não, que impõe limites, que castiga²³.

Vale resaltar que, pela perspectiva foucaultiana, o poder não é algo necessariamente bom ou mau, é algo positivo, pois, visa construir algo. Não se trata de reprimir vontades, mutilar corpos ou apenas realizar proibições e castigos; mas adestra os corpos e mentes para uma determinada perspectiva de modo de vida. Nesse sentido, a SATC pode ser pensada como um micro-poder que buscava adestrar as famílias mineiras a uma perspectiva de vida voltada ao trabalho obediente, e ao filho do mineiro um adestramento de seu tempo, de seu corpo e de sua mente ao trabalho fiel e obediente que a indústria mineradora necessitava.

Em Criciúma, as vilas operárias eram construídas pelas empresas mineradoras próximas do local de trabalho dos mineiros para fixá-los perto das mineradoras. Além disso, várias instituições presentes nas vilas operárias, como o serviço social da SATC prestado pelas Irmãs da Divina Providência, eram controladas indiretamente pelas empresas mineradoras, podendo servir para vigiar e disciplinar a mão de obra mineira. Disciplina esta entendida como “um conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade”²⁴.

Segundo Foucault, a criação de cidades operárias, caixas de assistência, entre outras estratégias, emergiram na França do século XIX com a finalidade de fixar a população proletária perto do aparelho de produção²⁵. Foucault, ao analisar as instituições na França do século XIX, entendeu as instituições de reclusão, não como exclusão dos indivíduos como no século XVIII, mas sim de correção e normalização dos indivíduos a uma racionalidade capitalista emergente²⁶. Foucault também observou as instituições de reclusão, como as escolas com internatos, como “instituições de sequestro”, nas quais uma das suas principais funções era disciplinar o tempo dos indivíduos e transformar o corpo em força de trabalho, e assim tornar o tempo desses alunos em tempo de trabalho, dedicado à força produtiva²⁷. Desse modo, guardadas

²³ MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, Michel, 2003, op.cit., p. XV.

²⁴ MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, Michel, 2003, op. cit., p. 107.

²⁵ FOUCAULT, Michel. **A Verdade e As Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2001, p. 111.

²⁶ FOUCAULT, Michel, 2001, op. cit., p. 114.

²⁷ FOUCAULT, Michel, 2001, op. cit., p. 116-122.

as diferenças temporais e de localização do exemplo tratado por Foucault e do presente objeto de pesquisa, a categorização do autor sobre o que seria para ele uma *Instituição de reclusão e de sequestro*, na sociedade moderna, contribui para esta pesquisa, já que é possível perceber as semelhanças de estratégias do processo de constituição das vilas operárias e da SATC, com as analisadas por Foucault.

A região carbonífera catarinense vivia, no final da década de 1950, um momento de expansão capitalista no qual a indústria mineradora estava crescendo. Assim sendo, pode-se pensar a Escola Industrial da SATC como uma “instituição de reclusão e também de sequestro”, para disciplinar e normatizar a futura força de trabalho para uma lógica capitalista emergente, de acordo com os interesses dos mineradores da região.

O discurso para legitimar essa intervenção era um discurso médico, cuja representação encontrava-se no “ciclo da ignorância”. Porém, o discurso médico social, em relação à classe trabalhadora e à população mais pobre em geral, não é um discurso novo e original da SATC.

Minha hipótese é que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário; que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política²⁸.

Foucault, ao analisar a medicina moderna, como uma medicina social, ajudou a pensar esse olhar médico no que concerne ao corpo social e ao papel estratégico que a medicina ocupa no “biopoder”, no qual o corpo dos indivíduos é alvo de intervenção e de uma disciplinarização. Intervenção que também está presente nos vários setores da SATC, que visavam educar física e mentalmente os filhos dos mineiros de acordo com uma lógica capitalista de exploração do carvão

²⁸ FOUCAULT, Michel, 2003, op. cit., p. 80.

e que tinha na medicina social sua legitimação²⁹. Foucault, ao pesquisar as políticas de saúde pública no século XVIII, em especial, na Inglaterra, salienta como os pobres e suas famílias passaram a ter um olhar médico social especial:

Delinea-se, assim, toda uma decomposição utilitária da pobreza, onde começa a aparecer o problema específico da doença dos pobres em sua relação com os imperativos do trabalho e a necessidade de produção³⁰.

Assim, a família, e em especial a infância, também passa a ser percebida de forma central pela medicina social, pela qual o olhar médico sobre a criança aparece como um eixo fundamental, a fim de garantir não apenas a sobrevivência das crianças, mas com o intuito de gerir convenientemente o desenvolvimento delas para uma lógica do trabalho³¹.

Percebe-se assim um paralelo entre o discurso médico social presente no discurso da SATC, que exemplifica a mortalidade infantil e praticamente todos os problemas sociais com base na tese do “ciclo da ignorância”, com as análises feitas por Foucault sobre o nascimento da medicina social a partir do século XVIII. Com isso, não se busca afirmar que ambos os exemplos são idênticos, mas que nem todo caso é um caso. Ou seja, para além das especificidades apresentadas pela história da SATC, é possível perceber no discurso médico social, pautado no combate ao “ciclo da ignorância”, um paralelo epistêmico com os estudos de Foucault, ajudando a analisar o presente objeto de pesquisa.

Uma das principais bandeiras da SATC era possibilitar um ensino de qualidade e gratuito “aos filhos dos mineiros”. Mas, comparando o número de vagas e alunos que estudavam na SATC, na década de 1960, verifica-se um número relativamente baixo de alunos atendidos pela instituição, quando comparado ao número de famílias mineiras na região e sua população em idade escolar, havendo igualmente a existência de teste de seleção, para admissão na instituição

²⁹ FOUCAULT, Michel, 2003, op. cit., p. 46-57.

³⁰ FOUCAULT, Michel, 2003, op. cit., p. 196.

³¹ FOUCAULT, Michel, 2003, op. cit., p. 198-199.

e, expulsão, em caso de reprovação³². Sendo assim, questiona-se se a Escola Industrial Masculina da SATC conseguia atender a maior parte dos filhos dos mineiros, ou se apenas uma minoria tinha acesso à instituição educacional em foco. Terezinha Volpato afirma que o trabalho mineiro seria um trabalho caracteristicamente não qualificado, e a maior parte dos filhos dos mineiros, na região de Criciúma, acabava tornando-se mineiro, diante da falta de qualificação e da primazia dada aos filhos desses trabalhadores na hora da contratação pelas empresas mineradoras. Dessa maneira, é preciso refletir sobre qual função e objetivo estratégico a SATC buscava alcançar, por intermédio de sua Escola e de seus cursos profissionalizantes. Tais reflexões ajudam a entender, qual papel a Instituição teve na conjuntura de construção do complexo carbonífero catarinense, os objetivos educacionais que visava alcançar e as limitações da filantropia, em especial de sua escola industrial. Constatam-se, assim, dois olhares e dois objetivos diferentes da Instituição, ainda que caminhassem para o mesmo objetivo geral. Um deles era por meio de seu serviço social, voltado para atender ao maior número possível de famílias, tendo o recém-nascido e as mulheres mães de família como principal alvo e objetivo, com uma ação educacional voltada a uma moral religiosa e a produção de uma “boa esposa e mãe de família”, parafraseando o título de um dos Subcapítulos de Carola³³. Outro centro de ação era a Escola Industrial Masculina com uma política de acesso e permanência na Instituição assaz seletiva, e que, dentre os escolhidos, realizava, mediante diferentes estratégias, um trabalho de disciplinarização do tempo desses alunos, tornando-os tempo de trabalho, além disso, fazendo uso de diferentes técnicas, buscava construir o operário modelo à indústria mineradora, caracterizado, aqui, como a formação de uma elite trabalhadora.

O processo de acesso à Escola Industrial Masculina era legitimado, pelo critério da meritocracia, na qual a seleção daria oportunidades iguais para todos. Os alunos que demonstrassem mais

³² “Art. 31º - A matrícula para a primeira série do Ginásio Industrial estará condicionada à aprovação do aluno em exame de admissão a ser realizado durante a segunda quinzena de dezembro e na primeira quinzena de fevereiro.

1º Os exames de admissão constarão de provas objetivas de português, matemática e conhecimento elementares em história e geografia.” “Art. 78º - O aluno reprovado, em qualquer das séries, perderá o direito de renovação de matrícula na referida escola.” **REGIMENTO** interno da SATC. 1968, p. 7. Acervo da SATC.

³³ CAROLA, Carlos Renato. Boa mãe, boa esposa: uma aliança da Divina Providência.

In: _____ **Dos subterrâneos da história:** as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). 1997. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 185-207.

esforço, mais vontade, mais mérito conseguiriam entrar na Instituição. Por ser uma Instituição filantrópica, a SATC possui um estatuto que a torna capaz de captar recurso público para manter e financiar a expansão dessa Instituição privada. Porém, o mencionado estatuto filantrópico é outorgado, por supostamente a Instituição realizar uma função social que justifique o apoio público, e, no presente caso, a história dessa instituição de ensino é usada na defesa de sua filantropia.

Com isso busca-se discutir a política de acesso à instituição na década de 1960 tendo, nas regras de acesso, o alvo de análise. Para tanto, serão utilizados de Bourdieu os conceitos de *habitus*, capital cultural e capital social, e sua perspectiva a propósito da meritocracia no sistema educacional. Em diversas obras, Bourdieu buscou desconstruir e problematizar a ideia de meritocracia na sociedade, em especial na Escola. Bourdieu, ao trabalhar o conceito de capital cultural e capital social, intencionou desconstruir o discurso na França da década de 1960, que entendia a escola como um local neutro, que possibilitaria iguais condições para todos os alunos, independentemente de sua origem familiar e econômica, sendo o fracasso ou sucesso escolar fruto da meritocracia de cada aluno. Desse modo, questiona-se a noção de mobilidade social, entendendo que existe muito mais uma estabilização e certa inércia social que fazem com que as desigualdades continuem. Bourdieu, assim, descrevia a existência de uma reprodução social, e, para essa reprodução social, a Escola tinha um papel fundamental.

Para construir sua teoria, o autor explica que, no ambiente escolar a comunicação pedagógica exige certas qualidades, como bom uso da linguística e domínio de uma cultura geral que estaria acessível às classes mais favorecidas econômica e culturalmente, e menos acessível às classes populares:

Devendo ter conseguido êxito num empreendimento de aculturação para satisfazer as exigências escolares em matéria de linguagem, os estudantes das classes populares e médias que ascendem ao ensino superior são necessariamente submetidos a uma mais forte seleção³⁴.

³⁴ BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **A reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 82.

Ao conjunto de conhecimentos culturais e linguísticos adquiridos, por exemplo, na “transmissão doméstica” familiar e que favorecem o aprendizado dos alunos de classes mais elevadas, Bourdieu denominou de capital cultural. Em outras palavras, para além do capital econômico, Bourdieu acredita que exista um capital cultural que também serve como distinção social e que seria uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar. Portanto, a “aptidão” ou o “dom” seriam produtos de um investimento em tempo e em capital cultural³⁵. O capital cultural poderia existir sobre três formas. A primeira, no estado incorporado, no qual esse capital faz parte da “pessoa”, por intermédio de um trabalho de inculcação e assimilação, constituindo um *habitus*.³⁶

Habitus, segundo Bourdieu, ‘é o que o mundo social deixa em cada um de nós na forma de propensões a agir e reagir de certa forma, de preferências e detestações, de modo de perceber, pensar e sentir.’³⁷.

A segunda forma poderia existir de modo objetivado, por intermédio de suportes materiais como livros, pinturas, monumentos e que são transmissíveis em sua materialidade. A terceira, por meio de um estado Institucionalizado, no qual o capital cultural estaria objetivado sob a forma de um diploma, por exemplo³⁸. Além do capital cultural, Bourdieu trabalha com o conceito de capital social, que seria toda uma rede durável de relações que torna um indivíduo vinculado a um grupo. O volume desse capital social, que uma pessoa pode mobilizar, é dependente da extensão da rede de relações e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um do grupo a que está ligado³⁹.

O capital social também seria um fator da reprodução social, que junto ao capital cultural, torna mais difícil a mobilidade social de indivíduos oriundos das classes pobres da sociedade, contribuindo para

³⁵ BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 73.

³⁶ BOURDIEU, P. 1998. op. cit., p. 74-76.

³⁷ LAHIRE, Bernard, 2000, Apud DALLABRIDA, Noberto. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=GjSPv2ppaGU>>> (35min). Acesso em: 05 de jun. 2014.

³⁸ BOURDIEU, P. 1998. op. cit., p. 77-79.

³⁹ BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 67.

a imobilidade social. Com essas categorias, tem-se contato com a ideia do autor sobre o papel da Escola na reprodução das desigualdades sociais, tendo assim uma visão crítica relativamente às instituições escolares e aos mecanismos de exclusão e de seleção no ambiente escolar. Com a referida contribuição, pode-se problematizar o teste de seleção, assumindo-se uma postura crítica em relação a possível defesa da meritocracia do processo, o que ajuda a compreender o teste de seleção como estratégia de exclusão da Instituição.

Diante do exposto, o trabalho está organizado em três capítulos, além da Introdução e Considerações Finais. O capítulo 2, *Situando a Sociedade de Assistência aos trabalhadores do Carvão (SATC)* está dividido em dois tópicos. No primeiro, apresenta-se a região Sul catarinense tendo como perspectiva o impacto que a mineração teve para a construção do que hoje conhecemos como região Sul catarinense, moldando sua estrutura administrativa, social, política e econômica. Nesse caminho, no tópico 2.1, *A SATC e o Complexo Carbonífero* apresentam-se algumas abordagens de pesquisas acadêmicas ao estudarem a região Sul catarinense e as contribuições para a história da região e para este trabalho. Igualmente, expõem-se trabalhos cujo objeto de estudo direto ou indireto foi a Instituição SATC, e mostrando-se as contribuições fornecidas para a compreensão de sua história. O capítulo 3, *Educação Assistencialista*, está dividido em dois tópicos. No primeiro, apresenta-se o serviço Social da SATC, como o “ciclo da ignorância” é caracterizado e exemplificado pela Instituição, e a estratégia seguida pelo serviço social prestado pelas Ordens religiosas sob coordenação da SATC. Nesse caminho, no tópico 3.1 *Religiosas e mineradores na formação de uma nova geração*, descreve-se como funcionava e quais eram as atividades do serviço social prestado pelas Irmãs da Divina Providência, sob a orientação da SATC, e sob quais direções tais iniciativas eram realizadas. O capítulo 4, *Educação Profissionalizante: a elite trabalhadora*, está dividido em dois tópicos. No primeiro, aborda-se a emergência da escola Industrial Masculina na década de 1960, sua estrutura de funcionamento, financiamento e projetos. No mesmo caminho, o tópico 4.1, *A fabricação da elite trabalhadora*, analisa o número de alunos, cursos, mecanismos de seleção e formação dos alunos da SATC, que buscava formar um profissional padrão, afinado ao modelo pretendido pelas mineradoras.

a região. As minas de carvão, as ferrovias, as vilas operárias, os times de futebol das companhias mineradoras, o processo de concentração urbana, entre outras alterações trazidas com o advento da indústria mineradora, são exemplos dessa transformação geográfica e social⁴⁰.

Nascimento problematiza a formação do que é hoje chamada de região carbonífera. Sinaliza que a Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC) abrange onze municípios do Sul do Estado catarinense, destacando-se Criciúma, Siderópolis, Içara, Urussanga, Nova Veneza e Lauro Muller. Mas cidades como Tubarão, Capivari de Baixo e Laguna, por exemplo, mesmo não fazendo parte do que administrativamente é chamado de região carbonífera, têm sua história ligada à indústria mineradora, que deixou sua marca na paisagem e na cultura presente nesses lugares⁴¹. Nessa trajetória, Nascimento busca desnaturalizar a ideia de região e procura identificar o papel que teve a atividade mineradora na estrutura interna da cidade de Criciúma, entre outras. Ou seja, com um olhar na formação das cidades do Sul catarinense, o autor busca compreender como

as minas e os lavadores; os depósitos de carvão, as caixas de embarque, o escritório da Companhia, as oficinas; a estrada de ferro, que neste período cobria boa parte do sul do Estado, de Imbituba – Laguna, a Lauro Muller e a Tubarão, Urussanga, Criciúma e Araranguá, as vilas operárias e seus mercados, os campos de futebol, a igreja, a escola; os depósitos nas cidades litorâneas e os portos [...] todo este espaço territorial foi se tornando a região carbonífera, que tem suas fronteiras definidas a partir de localidades que eram ou não de interesse para as empresas e o poder político, que as alcançavam e as regionalizavam, ou as deixavam de fora da região, conforme o interesse ⁴².

⁴⁰ CAROLA, Carlos. Modernização, Cultura e ideologia do carvão em Santa Catarina. In: GOULARTI, F. Alcides. (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 11-47.

⁴¹ NASCIMENTO, Dorval do. **Nas curvas do trem**: a presença da estrada de ferro no Sul de Santa Catarina (1880-1975): cidade, modernidade e vida urbana. Criciúma: UNESC, 2004, p. 49.

⁴² NASCIMENTO, Dorval do. 2004. op. cit., p. 58.

Nascimento sinaliza, assim, como a região Sul de Santa Catarina teve seu desenvolvimento, formação de cidades e sua paisagem constituídas principalmente do desenvolvimento e interesse da indústria carbonífera, a qual sofreu dois grandes impulsos de desenvolvimento, o primeiro, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1917) ⁴³, o segundo, durante e depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Nesses dois processos, o impulsionador do desenvolvimento e da valorização do carvão nacional foi a guerra e o subsequente fechamento do mercado externo de países fornecedores de carvão ao Brasil, exigindo, dessa forma, que o Brasil buscasse medidas de substituição de importações e viesse a não depender tanto do fornecimento externo.

Depois da Segunda Guerra Mundial e da construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a região carbonífera passou a ser observada como estratégica para o governo, pois a principal fonte de energia para a CSN era o carvão, e por ser a região Sul de Santa Catarina a única, no Brasil, na qual se encontrava quantidade suficiente de carvão metalúrgico.⁴⁴ Ressalta-se que esse era o único que poderia ser utilizado pela indústria siderúrgica. Desse modo, a região passa a ser percebida como estratégica para o país, e é nessa conjuntura que se dá o segundo processo de expansão da indústria carbonífera.

O que se nota no período é a construção de todo um complexo carbonífero necessário para o aproveitamento do carvão nacional. Começa, assim, uma política de aumento da extração de carvão, visando a uma maior obtenção do carvão metalúrgico utilizado na CSN planejando-se assim todo um complexo para a realização dessa expansão e desse aproveitamento do carvão catarinense.

Então, tem-se no plano econômico, a partir do Estado Novo e da criação da CSN, uma política nacional de valorização do carvão nacional e o início da construção e modernização de um complexo carbonífero para atender a essa demanda. Esse processo permeará o debate sobre o carvão brasileiro na década de 1950. Exemplo dessa força política é a Mesa Redonda ocorrida em 1947 e 1949, no Rio de Janeiro, que discutiu questões referentes ao carvão mineral nacional e ao seu melhor aproveitamento.

⁴³ Para se conhecer o impulso gerado na região com a Primeira Guerra Mundial leia-se entre outras obras: BERNARDO, Teresinha Roseli. O carvão Nacional: Do discurso formado à ação concretizada, 1880-1930. In: GOULARTI, F. Alcides. (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 63-73.

⁴⁴ O carvão metalúrgico é um tipo de carvão que possui características especiais que possibilitam sua utilização pela Siderurgia. Este tipo de carvão era encontrado, no Brasil, em quantidade suficiente apenas em Santa Catarina.

Estudo dos fatores capazes de incentivar a criação de um parque industrial, junto às minas, para acréscimo do consumo do carvão, principalmente dos tipos secundários e dos subprodutos de mineração, tendo em vista as grandes necessidades nacionais. Tais indústrias poderão ser: siderúrgica, fabricação de coque fundição com aproveitamento de subprodutos, ácido sulfúrico, amônia sintética com coque, fertilizantes (sulfato e nitrato de amônia superfosfato), hidrogenação do carvão, cimento, cerâmica e indústria de aproveitamento de mão-de-obra familiar⁴⁵.

Um dos principais problemas para o desenvolvimento da indústria carbonífera era dar utilidade ao carvão de menor qualidade que, junto com a extração do carvão metalúrgico, surgia e se fazia necessário aproveitar. Assim sendo, em 1953, no segundo governo Vargas, lança-se o Plano do Carvão Nacional, que visava solucionar os problemas para aumentar a produção de carvão metalúrgico na região. Com o intuito de supervisionar a execução do plano, foi criada a Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional (CEPCAN), que era responsável pelo melhor aproveitamento do carvão em todo o seu processo de extração, transporte e beneficiamento, pensando, desse modo, em como construir um moderno complexo carbonífero na região⁴⁶.

No plano social, há o processo de relativa concentração urbana na região. Na década de 1940, a população de Criciúma, que era de aproximadamente 27.000 pessoas, dobrou para mais de 50.000, em 1950, por causa da expansão da indústria carbonífera⁴⁷.

⁴⁵ Sindicato Nacional da Indústria de Extração de Carvão. **A Batalha do carvão**: subsídios para a história da indústria carvoeira no Brasil. Rio de Janeiro: 1950, apud MORAES, Fábio Farias. Siderúrgica de Santa Catarina (SIDESC): uma idéia perdida no tempo. In: GOULARTI, F. Alcides. (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade futura, 2004, p. 187.

⁴⁶ MORAES, Fábio Farias. Siderúrgica de Santa Catarina (SIDESC): uma idéia perdida no tempo. In: GOULARTI, F. Alcides. (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 192.

⁴⁷ NASCIMENTO, Doval do. Agricultura e mineração na formação do espaço urbano de Criciúma. In: GOULARTI, F. Alcides. (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004. p. 390.

Ser mineiro significava ter um rendimento maior que as demais profissões operárias da região, e o fato de o trabalho no subsolo possibilitar a aposentadoria com quinze anos de serviço tornava o trabalho nas minas de carvão um atrativo⁴⁸. Nesse período, da década de 1940 a 1960, a região Sul e, em especial as cidades extrativistas do carvão sofreram com um aumento no fluxo de migrantes em busca do sonho de melhores condições de vida para suas famílias⁴⁹.

No referido período a região sofreu com a falta de saneamento básico, precariedade e escassez de moradias e estrutura para atender aos novos trabalhadores das minas da região e, dessa maneira, registra-se um percentual elevado de mortalidade infantil na região carbonífera.

O médico Manif Zacharias ajuda a entender o quadro social do período. Natural de Curitiba, aos 25 anos de idade, em 1944, chegou para trabalhar em Criciúma e relata alguns dos problemas sociais daquele período⁵⁰:

Em razão dessa escassez assistencial, das péssimas condições de higiene pública e, mais ainda, da devastadora miséria em que se debatia a maioria menos favorecida da população, crianças morriam em série, à míngua de alimentos e de remédios. E se presenciava, então, o triste espetáculo do sino da Igreja Matriz dobrando oito, dez ou mais vezes por dia, a cada enterro que passava! E ostentávamos, assim, o deprimente galardão de ser este município com o maior índice de mortalidade infantil do país⁵¹.

Salienta ainda que vários jovens das zonas rurais próximas das regiões mineradoras abandonavam o campo no sonho de conseguir no subsolo um ganho mais fácil e rápido; contudo, para ele, tal ganho seria enganoso em razão do comprometimento irreparável da saúde e da qualidade de vida desses mineiros⁵².

⁴⁸ Sobre a renda familiar e sobrevivência do mineiro, veja-se: VOLPATO, Terezinha Gascho SANTA CATARINA. **A pirita humana: os mineiros de Criciúma**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984, p. 86-94.

⁴⁹ Segundo Nascimento, esse fluxo de pessoas vem principalmente das zonas rurais perto das mineradoras e do litoral catarinense. NASCIMENTO, Dorval do. **Nas curvas do trem: a presença da Estrada de Ferro no Sul de Santa Catarina (1880-1975): cidade, modernidade e vida urbana**. Criciúma: UNESC, 2004, p. 71-78.

⁵⁰ ZACHARIAS, Manif. **Minha Criciúma de ontem**. Criciúma: Edição do autor, 1999.

⁵¹ ZACHARIAS, Manif. 1999. op. cit., p. 13.

⁵² ZACHARIAS, Manif. 1999. op. cit., p. 19.

Zacharias faz uma crítica ao processo de mineração da época e à exploração que, segundo ele, sofriam os mineiros para dar aos mineradores um lucro fácil e altíssimo. Os trabalhadores, com as péssimas condições de trabalho, morriam por acidente de trabalho, pela insalubridade e poluição do meio ambiente e das vilas operárias⁵³.

No fim da década de 1950, a cidade de Criciúma vivia assim em volta de um processo de expansão e modernização do complexo carbonífero, mas também sofria graves problemas sociais, sendo o mais marcante o elevado índice de mortalidade infantil. Tais problemas sociais fizeram com que o período ficasse marcado, do mesmo modo, pelos conflitos entre os sindicatos dos trabalhadores mineiros e mineradoras. Com um sindicato organizado e combativo, as greves de 1958, 1959, 1960, 1961 e 1963 agitaram a cidade com suas reivindicações por melhores condições de trabalho, melhores salários e cumprimento das leis trabalhistas vigentes⁵⁴.

Dessa forma, há um contexto na década de 1950 de construção de um complexo carbonífero, no qual o carvão passa a ser percebido como de importante valor estratégico para o desenvolvimento do país, e toda uma estrutura de extração, beneficiamento, transporte e aproveitamento do minério. Parte desses planos é efetivada, havendo então um fluxo cada vez maior de pessoas que se dirigem para as cidades mineradoras catarinenses em busca de melhores oportunidades. Criciúma presencia, assim, um aumento populacional e um período de lutas sindicais que buscaram melhorar a situação da classe mineira a qual sofria com a mortalidade infantil, acidentes de trabalho, insalubridade e o desrespeito às leis trabalhistas. Essas questões sociais chamaram a atenção da imprensa local e brasileira, contribuindo para a instauração de uma Comissão de Inquérito Parlamentar (CPI), em 1957, cujo intuito era verificar as denúncias trabalhistas e sociais da região carbonífera Sul catarinense⁵⁵. É nesse contexto que se cria a SATC.

⁵³ ZACHARIAS, Manif. 1999. op, cit., p. 20-21.

⁵⁴ Ver mais sobre tais greves em: VOLPATO, Terezinha Gascho. **A pirita humana: os mineiros de Criciúma**. Florianópolis: UFSC; Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984, p. 114-124.

⁵⁵ NASCIMENTO, Dorval. Opulência e miséria nas cidades carboníferas de Santa Catarina. In: CAROLA, Carlos Renato. (Org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina: Impactos Sociais e Ambientais**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011, p. 91-92.

2.1 A SATC E O COMPLEXO CARBONÍFERO

Para responder a essas questões é que, segundo o discurso em defesa da indústria mineradora, a SATC é pensada e construída. Por meio de uma rede de assistência social, sua finalidade seria minimizar os problemas sociais e, com a Escola Industrial Masculina dar aos filhos dos mineiros educação a fim de qualificá-los para o trabalho. A mesma indústria carbonífera que no período é acusada de negar os direitos trabalhistas aos mineiros, dar péssimas condições de segurança no trabalho e de tecer nas vilas operárias toda uma rede de dominação e exploração, apresenta-se como benfeitora dos mineiros, auxiliando-os a sair do que a Instituição chamava de “ciclo da ignorância”.

O que se pode entender, pela conjuntura histórica de emergência da SATC, é que estava em marcha um processo de expansão e modernização de um complexo carbonífero que pudesse atender às demandas brasileiras no seu sonho de autos-suficiência e industrialização. E, ao entender esse complexo carbonífero, percebe-se que a SATC está intimamente ligada a esse processo e não pode ser entendida de forma desconectada dessa transformação e “progresso” econômico. Constituí-a-se, dessa forma, como um micro-poder que buscava controlar e normatizar a família mineira, criando uma mão de obra qualificada e seleta, para esta modernização do complexo carbonífero, exercendo um papel importante na execução do projeto que as mineradoras tinham para a cidade.

No plano acadêmico, a história da indústria carbonífera na região sul catarinense influenciou a realização de diversas pesquisas, que buscaram trazer olhares e reflexões sobre os mais diversos ângulos e temas, como o mineiro, os imigrantes, a indústria mineradora, a construção do complexo carbonífero, as vilas operárias, o meio ambiente, as mulheres, entre outros, que contribuem para uma melhor percepção da região em estudo e para o presente trabalho. Alguns estudiosos pesquisaram as décadas de 1950 e 1960 buscando entender de forma crítica a indústria mineradora e a exploração da mão de obra mineira: como se dava o processo de exploração do carvão, como era o cotidiano na mina e como se desenvolveram as resistências e acomodações dos trabalhadores mineiros, até chegar às greves do fim da década de 1950 e início da década de 1960. Tais abordagens, em um primeiro momento, buscaram priorizar as lutas sindicais entre mineiros, e mineradoras e a história das entidades sindicais.

Volpato, nesse sentido, pesquisou o funcionamento das minas de carvão na região de Criciúma, e a atuação/situação dos mineiros

diante do processo de exploração do carvão, nas diferentes minas (manual, semi-mecanizada, mecanizada), problematizando a construção de uma identidade mineira nos trabalhadores do carvão e seus conflitos e acomodações em relação às empresas mineradoras, intitulada *A pirita humana*, fruto do seu trabalho de mestrado. Esse trabalho significa um clássico sobre a região carbonífera e, mais especificamente, sobre a construção da identidade da classe mineira criciumentense ⁵⁶.

José Paulo Teixeira problematizou as disputas eleitorais no município de Criciúma na década de 1990, fazendo, para isso, uma análise histórica dos “donos do poder econômico e político” desde a fundação da cidade até a década de 1990. Explanou como se constituíram no poder e como utilizavam os cargos públicos em prol de seus interesses, utilizando o conceito de Estado Patrimonialista para entender essa relação, trazendo destaque ao apoio público que a indústria mineradora, por meio de seus representantes no Estado, conseguia para manter sua hegemonia econômica. Teixeira também explica que, apesar da gradual perda da primazia econômica da indústria mineradora e da relativa ampliação da atividade econômica com a indústria cerâmica, do plástico, têxtil, entre outras, eram ainda os mesmos “donos do poder” que mantinham a hegemonia econômica e política. Ou seja, não nasciam apenas novos atores na economia regional, mas eram, também, os donos das minas que ampliavam e diversificavam sua atividade econômica. Assim como o trabalho de Volpato, também analisou os conflitos entre os mineiros e mineradores sob o viés sindical, os conflitos entre os sindicatos dos trabalhadores de Criciúma e as empresas mineradoras na década de 1950 e 1960, percorrendo a respeito da trajetória do sindicato dos trabalhadores do carvão de Criciúma e Rio Maina ⁵⁷.

Essas duas obras fazem uma análise crítica da mineração e trajetória de desenvolvimento da cidade. Porém, ao analisarem os conflitos sociais na década de 1950 e 1960, observam-nos por meio da disputa entre o sindicato dos trabalhadores do carvão e as empresas mineradoras, não tratando, por exemplo, sobre a SATC e demais lugares de conflito e disputa.

Obras como a de José da Silva Junior abordam a trajetória da cidade e da mineração sob o viés desbravador dos grandes empresários

⁵⁶ VOLPATO, Terezinha Gascho. **A Pirita Humana**: Os Mineiros de Criciúma. Florianópolis: UFSC; Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. 1984.

⁵⁷ TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Insular, 1996.

da cidade, como Santos Guglielmi, e como tais empreendedores venceram e superaram as diversas dificuldades sem a ajuda adequada do poder público, e que o processo de crescimento da indústria carbonífera, foi obra da visão e da coragem dos empresários da região ⁵⁸.

No fim do século XX e começo do século XXI, surgiram obras como a de Carlos Carola⁵⁹ e Marli de Oliveira⁶⁰ que tiveram como enfoque a vila operária, a família mineira tendo como objeto de análise a mulher e as relações de gênero, e a ação das campanhas de puericultura e diversas atividades realizadas pelas congregações religiosas na década de 1950. No bojo dessa ampliação de horizontes temáticos tem-se a organização de um grupo de pesquisa na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), intitulado *Memória e Cultura do Carvão (UNESC/CNPq)*, a partir de 1999 e sob a coordenação de Alcides Goulart Filho fruto de um trabalho coletivo, o grupo produziu dois livros sobre a mineração na região sul catarinense. O primeiro, intitulado *Memória e cultura do Carvão em Santa Catarina*, ao analisar as décadas de 1940, 1950 e 1960, principalmente no capítulo III - *Complexo Carbonífero Catarinense*⁶¹, mostra que, mais do que a mina de carvão e o mineiro, a região foi pensada como um complexo, no qual várias indústrias foram planejadas e construídas para atender à demanda da extração, locomoção e beneficiamento do carvão. Além de abordarem as indústrias que deram certo, analisam os projetos e a ambição de se construir na região sul catarinense, um grande e moderno complexo carbonífero, muito maior do que realmente ocorreu. Essas obras ajudam a pensar que a SATC não era um projeto isolado, mas que poderia estar articulada com o processo de expansão e modernização do complexo carbonífero. Já o segundo livro coletivo, foi lançado recentemente, em 2011, intitulado: *Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina: Impactos Sociais e Ambientais*. Tal obra abre espaço, principalmente, ao debate dos problemas ambientais causados pela atividade mineradora, salientando que somente a partir da década de 1980 o problema ambiental entra, de fato, nas discussões sobre os prejuízos da mineração

⁵⁸ SILVA JUNIOR., José da. **Santos Guglielmi**: A trajetória do empreendedor. Criciúma: Empresas Guglielmi, 1998.

⁵⁹ CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história**: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). 1997. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

⁶⁰ COSTA, Marli de Oliveira. **Artes de viver**: recriando e reinventando espaços - memórias das famílias da Vila Operária mineira Próspera Criciúma (1945/1961). 1999. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

⁶¹ GOULARTI FILHO, Alcides. (Org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

para a região, forçando as empresas mineradoras e poder público a tomar medidas que buscassem solucionar/amenizar os problemas ambientais causados pela mineração. Antes desse período, a questão ambiental era pouco relevante, ainda que existisse um conjunto de legislação ambiental, prevalecia o discurso do carvão como o impulsionador do progresso e crescimento, sendo o progresso desejado a qualquer preço. Tais obras e abordagens temáticas diversas significam uma renovação e ampliação dos temas que envolvem a história da mineração e contribuem para a ampliação da percepção da história do sul catarinense⁶².

No entanto, são poucos os trabalhos que tratam das respostas das empresas mineradoras para a crise social que atingiu Criciúma, principalmente, na década de 1950 e 1960, além do conflito entre os sindicatos da categoria⁶³. Tais obras são recentes, tais como a de Bruna Spillere Barchinski⁶⁴, cuja pesquisa trata da mortalidade infantil na cidade de Criciúma, que era uma das maiores do Brasil na década de 1950, analisando as medidas que começaram a ser postas em prática para mudar esse quadro. Ela utiliza principalmente os textos de Francisco de Paula Boa Nova, que permaneceu de 1944 a 1952 em Criciúma, trabalhando no Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Em seu relatório há um capítulo dedicado à mortalidade infantil na cidade, que pela autora é utilizado para analisar como a mortalidade infantil começou a ser problematizada por médicos, empresários e poder público, e as medidas públicas e privadas de assistência para reverter tal situação. Barchinski cita a SATC, como uma das instituições responsáveis por tais medidas, mas não aprofunda o funcionamento da Instituição e o serviço educacional oferecido por ela, observando, nessas medidas profiláticas, um meio para se acabar com a mortalidade infantil.

⁶² CAROLA, Carlos Renato. (Org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina: impactos sociais e ambientais**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

⁶³ FILHO, Alcides G.; LIVRAMENTO, Angela M. A. **O movimento operário mineiro em Santa Catarina nos anos de 1950 e 1960**. II Jornada Nacional do Trabalho. Disponível em: << <http://labhstc.ufsc.br/acervo/acervo-eletronico/ii-jornada-nacional-de-historia-do-trabalho-3>>>. Acesso em: 27 de set. 2014. É outro exemplo recente de vários trabalhos, como os mencionados antes, que abordam os conflitos sociais da década de 1950 e 1960 sobre o viés sindicalista.

⁶⁴ BARCHINSKI, Bruna Spillere. A mortalidade infantil na Capital Nacional do Carvão: memória, representação e ações profiláticas, 1940–1960. In: GOULART, Alcides Filho (Org.). **Memória e Cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 149-185.

Barchinski utiliza como base de sua pesquisa para entender as medidas assistencialistas em Criciúma, na década de 1950, o trabalho de Carola, principalmente o subtítulo. *Boa Mãe, boa esposa: uma aliança da Divina Providência*; no qual analisa as atividades assistencialistas feitas pelas Irmãs da Divina Providência, as quais realizavam campanhas de puericultura, oficinas para as esposas de mineiros e cadastramento das famílias mineiras ⁶⁵.

Carola problematiza essa atuação, na qual muito além de medidas assistencialistas, as religiosas, com essas oficinas, passavam uma moral/normalização das famílias mineiras, em que o papel das mulheres seria o de boa mãe e de boa esposa. O autor analisa, principalmente, o período em que o Serviço Social da Indústria (SESI) organizava tais medidas e enfatiza a ação dessas ações a respeito das mulheres. Aborda também a SATC, quando da fundação da entidade, em 1959, em que o serviço social da Instituição era prestado pelas Irmãs da Divina Providência. Ao tratar da SATC, refere-se principalmente à área de assistência social e atuação no grupo de mulheres, não se aprofundando na estrutura de funcionamento da escola Industrial e o período em que as medidas assistencialistas passaram a ter o controle da SATC.

Outra obra, que segue as diretrizes do trabalho de Carola é a de Giani Rabelo, que, em sua tese de doutorado, trata sobre e amplia a história de atuação das Irmãs da Divina Providência na região Sul catarinense, entre outras congregações religiosas. Essa congregação, por meio de convênio com a SATC, passou a realizar as ações de puericultura e assistência social a partir da década de 1960. A obra de Rabelo apresenta um aprofundamento acerca da história dessa congregação, em especial no início da década de 1950, quando tinha como financiador o SESI⁶⁶. Pelo fato de a Congregação das Irmãs da Divina Providência ser uma parceira fundamental da SATC no período de sua fundação, no qual realizava o trabalho de puericultura e assistência social nas vilas operárias com as famílias mineiras, essa obra de doutoramento é uma importante contribuição, por trazer a trajetória da Congregação e suas ações na região Sul catarinense. Rabelo aborda a ação missionária dessa e de outras quatro congregações religiosas, como

⁶⁵ CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história:** as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). 1997. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 185-207.

⁶⁶ RABELO, Giani. **Entre o hábito e o carvão:** pedagogias missionárias no sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX. 2008. Tese. (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ações de uma “pedagogia missionária”, que buscava instituir valores e práticas, que serviriam para unir os trabalhadores em torno dos interesses dos empresários do carvão, perspectiva esta, que corrobora com a hipótese lançada sobre a ação da SATC à comunidade mineira neste trabalho. Um dos recursos teórico-metodológicos utilizados pela autora foi a História Oral, recolhendo e analisando entrevistas de religiosas (em especial da Irmã Cláudia) que trabalharam em ações de assistência social, e de algumas famílias, que tiveram contato com essa ação missionária. Destaca-se também, que a autora, nasceu e passou boa parte de sua infância e juventude, no bairro Aurora de Içara, região conhecida como “mineração”, sendo um dos núcleos de ação da campanha de Puericultura realizada por meio da SATC, trazendo, igualmente, relatos de sua infância e juventude no Bairro Aurora.

Percebe-se, assim, que, durante a década de 1980 e 1990, a historiografia sobre a região carbonífera do Sul de Santa Catarina, estudava as décadas de 1950-1960, enfatizando os conflitos sindicais ocorridos, a trajetória do sindicato dos mineiros de Criciúma, a formação de uma identidade mineira, as greves do período e o trabalho realizado nas minas de carvão, além do desenvolvimento da indústria carbonífera. Recentemente, sobretudo no fim do século XX, nota-se a existência de trabalhos que começam a investigar o complexo carbonífero em seu conjunto, os problemas ambientais causadas por tal atividade econômica, as medidas assistencialistas empregadas na região carbonífera para lidar com a mortalidade infantil, o papel das mulheres envolvidas direta e indiretamente na indústria carbonífera, as vilas operárias. Ou seja, o leque de olhares cada vez mais se amplia e novos enfoques surgem.

No entanto, apesar dessa recente ampliação de olhares sobre a história da cidade de Criciúma e região, no período entre 1950 e 1960, são relativamente poucos os trabalhos que se dedicaram a estudar a SATC e problematizar sua atuação. Em relação à história da SATC como objeto central de pesquisa, apresentam-se três trabalhos que fazem uma análise histórica: o Trabalho de Conclusão de Curso de Samira Rouseng Farias que, ao estudar a história da SATC, teve como foco de pesquisa a Escola Técnica durante a década de 1970, buscando entender, por meio da utilização de fontes orais, a disciplina, os conflitos e resistências na Instituição educacional, entrevistando sete egressos da SATC, salientando também a percepção dos mineiros no que concerne à SATC, que a observavam como uma oportunidade única para seus filhos terem uma educação de qualidade e com emprego garantido após se

formarem⁶⁷. Nessa direção, esse trabalho contribuiu para se ter uma dimensão da percepção que possivelmente muitas famílias mineiras tinham relativamente à instituição educacional.

A Dissertação de Ângela Maria Benedet, que aborda a SATC como um projeto de “governamentalização” da classe mineira da cidade de Criciúma, dando assim um novo olhar sobre a iniciativa das empresas mineradoras e a crise social que atingiu a cidade. A autora estuda a história da Instituição desde sua fundação, até o ano de 1990, quando a escola passa por um período de crise. Ao trabalhar com a ideia de “governamentalização”, usando a categoria utilizada por Michel Foucault, Benedet contribui para perceber a SATC como uma Instituição que buscava governar o corpo e a mente dos filhos dos mineiros e de suas famílias, com uma moral voltada para o trabalho e obediência à hierarquia⁶⁸.

O Trabalho de Conclusão de Curso do presente autor, defendido em 2011, traz a história da fundação da Instituição SATC, e sua rede de atuação, seja através do serviço social ou da Escola Industrial. Procurando, também, retratar como a imprensa local noticiava Criciúma e os problemas sociais e políticos que chamavam a atenção da imprensa na década de 1950 e 1960. O trabalho possibilita o acesso a várias informações a respeito da SATC, como número de alunos, distribuição de alunos por empresa mineradora, número de centros de atuação das Irmãs da Divina Providência, que atuavam em nome da SATC na região Sul catarinense, número de famílias mineiras atendidas, cursos populares oferecidos, cursos profissionalizantes e estrutura das disciplinas oferecidas pela Instituição na década de 1960. Esse conjunto de documentos contribui para a melhor compreensão da capilaridade da SATC na região⁶⁹.

Além dessas obras, há o livro institucional dos cinquenta anos da SATC, escrito em 2009 por iniciativa da sua direção, tendo como

⁶⁷ FARIAS, Samira Rousseng. **Narrativas de vidas escolares na voz de ex-alunos/as (Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão-SATC-Criciúma/ Década de 1970)**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma.

⁶⁸ BENEDET, Ângela Maria. **Quando as engrenagens se movimentam (ou a criação da SATC em Criciúma e sua administração pelos Irmãos Maristas, mineradores e SENAI 1963 a 1990)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis.

⁶⁹ PIROLA, Claudionor. **A Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão – SATC: educação, assistencialismo e política (Criciúma, 1959 – 1969)**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

organizadoras duas jornalistas, Larissa Lenardi Lara e Lize Burigo, que narram por meio de pequenas frases e várias imagens a história “oficial” da Instituição. Nessa obra é enfatizado o caráter empreendedor e compromisso social das empresas mineradoras para com a região carbonífera e seu desenvolvimento e crescimento durante seus cinquenta anos de história. Nessa direção, busca mostrar a Instituição como um presente das empresas mineradoras, que ao verem as precárias condições de vida da comunidade mineira, em virtude de sua ignorância e pobreza, procuraram, com a criação da SATC, ajudar os mineiros, oferecendo trabalho de puericultura para um melhor desenvolvimento dos seus filhos e assim, diminuir a mortalidade infantil. Além disso, passaram a ser oferecidos cursos para às famílias mineiras para que as mães pudessem cuidar melhor de seus filhos, e a escola, que seria o grande presente da SATC, representado como um diamante, que oferecia gratuitamente aos filhos dos mineiros uma educação de qualidade e que possibilitaria a eles mudança de vida e um futuro melhor ⁷⁰.

Volpato assinalou a existência da Instituição Educacional da SATC como uma benfeitoria das empresas mineradoras:

As afirmações de que não se pode garantir uma oportunidade de estudo para os filhos nem sempre é real e verdadeira. Em Criciúma existe a SATC – uma fundação educacional mantida pelos mineradores que se destina a formação profissional dos filhos mineiros. É uma escola de alto padrão, excelentemente equipada, com currículo e professores seletos. Os filhos dos mineiros, mesmo quando internos nas dependências da escola, nada pagam pelo estudo ou pensão. No entanto, os filhos dos mineiros não exercem procura maior, deixando espaço para os filhos dos profissionais liberais, comerciários e comerciantes. A dificuldade de locomoção não é tão verdadeira. Os pais não incentivam os filhos⁷¹.

⁷⁰ LARA, Larissa Lenardi; BURIGO, Lize. **Com o carvão Mineral, há 50 anos essa história começou**. SATC. 2009.

⁷¹ Nota de rodapé nº 2: VOLPATO, Terezinha Gascho. **Vidas marcadas**: trabalhadores do carvão. Tubarão: UNISUL, 2001, p. 124.

Esse fragmento indica a percepção predominante, de que a entidade seria um presente das empresas mineradoras e estava acessível aos filhos dos mineiros, reproduzindo o discurso da Instituição, o qual busca enaltecer sua trajetória. Nesse sentido, ao se abordar a história da instituição e construir outras possibilidades de análise sobre a emergência e função social da SATC, contribui-se para que se abra o leque de percepções possíveis a respeito de, sua trajetória, sua filantropia e seu papel na atualidade.

3. EDUCAÇÃO ASSISTENCIALISTA

Para atender ao fluxo de trabalhadores que migravam para as regiões extrativistas de carvão, em especial Criciúma, as empresas mineradoras utilizaram algumas estratégias de controle e fixação da mão de obra. Tais estratégias, como a formação das vilas operárias perto das zonas de mineração, foram exemplarmente tratadas por Carola, e, em especial, Oliveira, os quais observaram nas vilas operárias, a constituição de formas de controle, vigilância e disciplinarização da força de trabalho.

Segundo Lucy Cristina Ostetto, Marli de Oliveira Costa e Roseli Bernardo:

as vilas operárias constituíam-se em espaço de abrigo e controle da força produtiva. As empresas procuraram formar vilas como pequenas cidadelas, de tal forma que as pessoas não necessitavam sair da vila para terem atendidas suas necessidades ⁷².

No mesmo caminho, Carola ressalta que,

nas principais vilas operárias, praticamente tudo pertencia aos donos das minas: os terrenos, as casas, os clubes de festas, dança e os clubes de futebol, o armazém e a escola. O poder dos “coronéis” do carvão se fazia sentir em todos os espaços institucionais da cidade⁷³.

Embora se tenha como referência, nos dias atuais, a Escola Técnica, como sinônimo da SATC, a principal atuação da Instituição, nos primeiros anos de sua existência, era por intermédio do seu Serviço Social prestado nas maiores Vilas Operárias de Criciúma. O principal objetivo desse Serviço Social, de acordo com o discurso da Instituição, era propiciar a diminuição da mortalidade infantil na região de

⁷² BERNARDO, Roseli; COSTA, Marli de Oliveira; OSTETTO, Lucy Cristina. A casa e a vila: A família operária e a moradia na região carbonífera, 1913-1930. In: GOULARTI, F. Alcides. (Org.). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 7.

⁷³ CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história**: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). 1997. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 88.

Criciúma, e, por meio de cursos, ações de puericultura e orientações por mediação das Irmãs da Divina Providência, educarem as famílias mineiras para uma vida entendida como “correta”. Servindo, assim, o serviço de assistência social, como ferramenta de educação da família mineira, em especial das mulheres, para formar “boas esposas e mães”, era mais uma ferramenta de controle e normalização presente nas vilas operárias.

Nesse período de constituição da SATC, foi sendo organizado um plano de educação e assistência à infância e cursos de formação feminina, que teriam, de acordo com o relatório de atividade de 1963, a colaboração do Serviço Social da Indústria de Santa Catarina (SESI), e que compreenderiam cursos de jardim de infância, distribuídos em todas as zonas de maior densidade mineira, nos quais se ministrariam também cursos de formação feminina, para orientação de artes culinárias, corte e costura, puericultura, entre outras atividades nitidamente voltadas aos afazeres do lar e aos cuidados com os recém-nascidos.

É importante destacar que o trabalho de Rabelo, Carola e Oliveira, entre outros, mostram que o trabalho social realizado pelas Irmãs da Divina Providência, e de outras ordens religiosas, remonta principalmente ao início da década de 1950. Nessa direção, não surgem com a implementação da SATC.

Em Abril de 1954, um ano depois da instalação do Instituto Coração de Jesus na região, chegam a Rio Maina, atual Distrito de Criciúma, quatro religiosas da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência, sendo ali instalada, por elas, a Casa Assistencial ‘São José’, na Vila Operária do centro de Rio Maina, que pertencia à CCC – Companhia Carbonífera Catarinense S.A.⁷⁴.

Assim, anteriormente ao convênio com a SATC, as religiosas já realizavam, via convênio com o SESI, visitas às famílias mineiras com o intuito de prestar orientações em relação à higiene e medidas profiláticas de saúde, em especial aos recém-nascidos, e ao combate à mortalidade infantil. Rabelo observa e conceitua a ação das ordens religiosas nas vilas operárias carboníferas como pedagogias missionárias. Estava em marcha um processo de educação (fora dos

⁷⁴ RABELO, Giani. **Entre o hábito e o carvão**: pedagogias missionárias no sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p. 193.

muros da escola) das famílias mineiras a uma lógica de formação de indivíduos voltados ao trabalho produtivo e obediente, e moralmente correto. Antes do trabalho de Rabelo, Carola já destacava a ação das irmãs da Divina Providência, como uma ação voltada principalmente às mulheres e crianças, com o intuito de formar “boas mães” de família, na visão das religiosas e do SESI. Oliveira também já sinalizava a constituição das vilas operárias perto das minas de carvão, como estratégias de controle, vigilância e normatização das famílias mineiras. As congregações religiosas eram mais um desses dispositivos estratégicos de normatização, controle e vigilância das famílias mineiras.

Ainda que as irmãs já realizassem, por meio de convênio com o SESI, ações de assistência social e de puericultura nas famílias mineiras, é com o convênio assinado com a SATC, que este trabalho voltado aos recém-nascidos, vai ser sistematizado e expandido. Tendo como pediatra o Dr. David Boianovsick como coordenador das ações, foi planejada a assistência à infância, que compreendia a assistência pré-natal e ao recém-nascido até a idade pré-escolar, medida conhecida como puericultura, realizada pelo pediatra e por uma equipe de visitadoras⁷⁵.

Essas visitadoras eram as Irmãs da Divina Providência que já atuavam na região carbonífera e que, a partir de 1963, em parceria com a SATC, trabalharão com o médico Boianovsick⁷⁶ nos cursos de puericultura e nos diversos trabalhos realizados com as famílias mineiras. Essas atividades tiveram seu início oficial em 2 de maio de 1965⁷⁷.

A respeito da escolha das Irmãs da Divina Providência, e não de assistentes sociais para o trabalho de puericultura, Rabelo apresenta o seguinte depoimento:

⁷⁵ Puericultura é a ciência médica dedicada aos cuidados com o desenvolvimento humano, especificamente com o desenvolvimento infantil. Disponível em: <<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Puericultura>>>. Acesso em: 9 de set. 2011. **RELATÓRIO** de atividades da SATC. 1963, p. 7. Acervo da SATC.

⁷⁶ “Com este pensamento vimos mantendo entendimentos com a “Congregação das pequenas Irmãs da Divina Providência”, para um convênio de prestação de uma assistência social nesse sentido. Essa irmandade, aceitando o nosso plano, para um provável convênio de trabalho, ampliando nossa idéia e pensamento.” In: **RELATÓRIO** de atividades da SATC, 1963. III Visitadores Sociais, p. 7. Acervo da SATC.

⁷⁷ **RELATÓRIO** de atividades da SATC. 1965, p. 1. Acervo da SATC.

Sobre as Razões que levavam os diretores da SATC a formularem o convite às Pequenas Irmãs da Divina Providência para assumirem o Setor de Serviço Social, D. Maria Luiza, esclarece que, na época, entre as congregações que atuavam na região, elas eram as mais preparadas para fazer este tipo de trabalho. D. Maria Luiza, como esposa do presidente executivo da SATC, cuidava voluntariamente das questões sociais e inclusive acompanhava as freiras nas atividades nas vilas operárias. Em seu depoimento, afirmou que seu marido não queria que seu nome fosse mencionado, para evitar a impressão de que ela recebia algum tipo de remuneração pela SATC. Ao ser indagada sobre a opção em contratar as freiras e não assistentes sociais, ela argumentou que a realização do trabalho junto às famílias mineiras exigia dedicação de 24 horas por dia, ou seja, as freiras ‘eram pagas, mas não deixavam de ser voluntárias’⁷⁸.

Percebe-se, uma preocupação já manifestada no início da década de 1950, em relação ao combate à mortalidade infantil e à educação moral e profilática das famílias mineiras. Tais medidas eram realizadas por algumas ordens religiosas, destacando-se a atuação das Irmãs da Divina Providência que, por meio do SESI, já realizavam ações sociais e de evangelização nas famílias mineiras. Tal experiência de atuação vai ser aproveitada pela SATC, que buscará, com essa aliança, amplificar e coordenar a ação dessas religiosas nas famílias das principais vilas operárias de Criciúma e da região.

Sobre a constituição e motivos que levaram à criação do SESI, que foi, também um dos incentivadores para a vinda das Irmãs da Divina Providência para a região de Criciúma, e uma das instituições parceiras da SATC, Rabelo esclarece, baseada em Weintein, que:

o discurso da ‘Solidariedade social’, que sustentou a própria criação do SESI, tinha como um dos maiores desafios enfrentar o movimento operário e sua crescente mobilização. Para compreender a

⁷⁸ RABELO, Giani. **Entre o hábito e o carvão**: pedagogias missionárias no sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p. 338.

criação dessa instituição patronal e suas primeiras atividades desenvolvidas no campo social, voltadas aos operários e suas famílias, é preciso se levar em conta ‘a onda de greves, o resurgimento do partido comunista, francas manifestações de luta de classes e a consciência que a elite tinha de que esses fatos representavam uma profunda ameaça a paz social’ (WEINTEIN, 2000, p. 161)

⁷⁹.

Tais sinalizações corroboram com a hipótese de que as ações sociais promovidas pela SATC foram ações que buscaram amplificar e coordenar, as ações de assistência sociais já existentes e que igualmente caminhava, buscando, na filantropia, uma política de resposta e contenção à organização da classe mineira.

O trabalho mais detalhado, o qual aponta para o discurso de legitimação da ação de assistência social, e como a SATC pretendia atingir seus objetivos, é o texto apresentado pela SATC, no II Simpósio do Carvão Nacional, cujo título é: “A SATC e a Assistência Social na Zona Carbonífera de Santa Catarina”⁸⁰.

Buscando identificar a formação discursiva presente na obra, percebe-se um discurso médico relacionado à mortalidade infantil e à pobreza. Tal discurso busca exemplificar que os problemas vividos na região carbonífera, em especial a mortalidade infantil e os conflitos entre mineiros e mineradoras, eram causados pelo “ciclo da ignorância”. Tal afirmação apoia-se na indicação do Dr. César Pernetta, pediatra brasileiro.

De acordo com o trabalho desse médico, uma boa alimentação deveria suprir todas as necessidades fisiológicas de uma criança e possibilitar que ela se desenvolvesse corretamente, e que, em conjunto com, a “vacinação, a boa insolação, os cuidados higiênicos, boa educação pré-escolar e escolar, recreação”, dentre outras medidas,

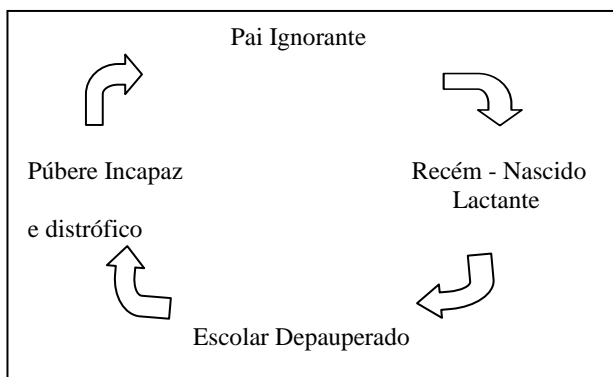
⁷⁹ WEINTEIN, Bárbara. **(Re) Formação da classe trabalhadora no Brasil (1920-1964)**. São Paulo: Cortez: CDAPF-IFAN-Universidade de São Francisco, 2000 apud RABELO, Giani.

Entre o hábito e o carvão: pedagogias missionárias no sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX. Porto Alegre, RS, 2008 Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.p.119-120.

⁸⁰ **A SATC e a Assistência Social na zona carbonífera de Santa Catarina.** Trabalho apresentado pela SATC no II Simpósio Nacional do carvão. Florianópolis, 29 de novembro a 4 de dezembro de 1965. Acervo da SATC.

propiciariam a receita para um adulto sadio⁸¹. Se isso não fosse colocado em prática, ocorria o chamado “ciclo da ignorância”. Uma criança com má alimentação, sem vacinação, sem escola e com pais ignorantes certamente se tornaria um adulto depauperado e ignorante, portador de agressividades inúteis e vícios morais, que inevitavelmente reproduziria a seus futuros filhos. Reproduzindo, dessa maneira, o “ciclo da ignorância” exemplificado na Figura 2.

Figura 2 – “Ciclo da Ignorância”



Fonte: **A SATC e a Assistência Social na zona carbonífera de Santa Catarina**. Trabalho apresentado pela SATC no II Simpósio Nacional do carvão. Florianópolis, 29 de novembro a 4 de dezembro de 1965, p.3. Acervo da SATC.

De acordo com o documento citado, quando tal “ciclo da ignorância” não era rompido surgiria um indivíduo adulto com as seguintes características:

Distrófico, de baixo quociente intelectual e mínimas condições físicas, formando concepções negativas da sociedade e desenvolvendo recalques que, na idade adulta, a par da própria incapacidade intelecto física para o trabalho, determinam a tomada de atitudes agressivas contra os bem afortunados a quem ele (consciente ou

⁸¹ Citação do médico César Pernetta. In: **A SATC e a Assistência Social na zona carbonífera de Santa Catarina**. Trabalho apresentado pela SATC no II Simpósio Nacional do Carvão. Florianópolis, 29 de novembro a 4 de dezembro de 1965. Acervo da SATC. p. 3.

inconscientemente) julga culpados da própria descompensação ⁸².

Esse discurso, além de apresentar uma teoria em relação à mortalidade infantil e à pobreza como um “ciclo vicioso”, no qual o único culpado aparente era a própria família mineira, caracteriza também as lutas ou reclamações desses sujeitos como fruto de sua ignorância que os levaria a atacar os “bem afortunados” por inveja ou manipulação. De forma indireta, é possível perceber pela conjuntura de emergência da SATC uma possível resposta e interpretação às greves e às reivindicações dos mineiros no período anterior à ditadura militar⁸³. Nesse contexto, os distúrbios sociais eram interpretados como de responsabilidade do “ciclo da ignorância” que a família mineira se encontrava.

Como se percebe em outro trecho do referido documento, há ênfase ao sucesso do trabalho de puericultura:

Hoje, após poucos meses de trabalho, já se vê muitos lactentes “gorduchos” nos colos das esposas dos mineiros, ostentando um novo odor de sabonete, um novo brilho no olhar e um humor exuberante, tais crianças, continuando a ser orientadas e protegidas como o plano prevê, evidentemente terão um rumo diferente em suas vidas, plasmarão um carácter pré-escolar sem contaminação, sem negativismos e sem recalques, uma mentalidade escolar em sua maioria prenhe de vontade e capacidade de aprendizado, uma inteligência juvenil vivaz e bem educada e **uma consciência de adulto voltada para o trabalho produtivo sem agressividades inúteis, e decididamente imune à esperteza desleal e às doutrinas espúrias.**⁸⁴

⁸² A SATC e a Assistência Social na zona carbonífera de Santa Catarina. Trabalho apresentado pela SATC no II Simpósio Nacional do Carvão. Florianópolis, 29 de novembro a 4 de dezembro de 1965. Acervo da SATC. p. 3.

⁸³ PIROLA, Claudionor. **A Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão – SATC: educação, assistencialismo e política (Criciúma, 1959 – 1969)**. 2011. p. 58.

⁸⁴ Grifos do autor. A SATC e a Assistência Social na zona carbonífera de Santa Catarina. Trabalho apresentado pela SATC no II Simpósio Nacional do Carvão. Florianópolis, 29 de novembro a 4 de dezembro de 1965. Acervo da SATC. p. 12.

O que se apreende com a conceituação do “ciclo da ignorância”, apresentado pela SATC, é que a ignorância seria a causadora da indisciplina e do trabalhador questionador, não voltado para o trabalho produtivo obediente. Com essa definição, a criança e indiretamente a mãe de família, como base dessa cadeia viciosa do “ciclo da ignorância”, é escolhida como alvo da intervenção da Instituição, de modo que pudesse, por meio do trabalho de puericultura e de medidas educacionais, romper esse ciclo. Produzia-se, assim, um sujeito disciplinado e voltado para o trabalho, sem agressividades inúteis, e quando adulto tivesse uma consciência voltada para o trabalho produtivo, sem se influenciar por ideologias contrárias aos interesses das mineradoras. É importante perceber que doutrinas espúrias eram a forma de se designar a ideologia socialista e comunista, podendo-se notar no discurso da Instituição, uma política anticomunista, comum ao contexto da Guerra Fria em que se vivia na década de 1960 e do medo da influência da Revolução Cubana sobre a América Latina.

Parece-nos mais que evidente a intenção predominante entre aqueles que diretamente se ligam à produção do carvão mineral. A realização deste conclave só pode visar o aperfeiçoamento de todos os setores que se identificam com aquela produção. E, quer nos parecer, o homem do carvão constitui o setor para o qual se voltam hoje, as maiores atenções, não podendo ser mais esquecido que a interrupção do ciclo da ignorância em nosso meio se impõe como medida urgente e decididamente prioritária com o fim de poder contar com **homens de mentalidade bem formados a impulsionar físicos tão imunes quanto possíveis**⁸⁵.

Constata-se um duplo olhar de intencionalidades sobre o mineiro. A indústria mineradora precisava de trabalhadores saudáveis, e isso só poderia ser conseguido com o mínimo de condições necessárias para ele poder desenvolver seu físico plenamente. Por isso, o olhar e o discurso médico em relação à mortalidade infantil do período, identificando, no “ciclo da ignorância”, a família como a principal

⁸⁵ Grifo do autor. **A SATC e a Assistência Social na zona carbonífera de Santa Catarina.** Trabalho apresentado pela SATC no II Simpósio Nacional do carvão. Florianópolis, 29 de novembro a 4 de dezembro de 1965. Acervo da SATC. p. 5.

culpada pela reprodução constante da miséria e da ignorância. Assim, ao se trabalhar com a criança, buscava-se garantir um pleno desenvolvimento fisiológico para que, quando adulto, pudesse ser um mineiro bem desenvolvido afim de suportar o trabalho na mina de carvão. Conforme destacado pelos trabalhos de Volpato e pelos relatos do médico Zacharias, o trabalho nas minas exigia dos mineiros um considerável esforço e comprometimento físico. Porém, o combate à mortalidade infantil e a teorização do ciclo da ignorância iam além da preocupação fisiológica do desenvolvimento das crianças. Existia uma preocupação especial com a mentalidade desses futuros adultos. Mentalidade esta que deveria ser voltada para o trabalho disciplinado e sem agressividade. É interessante perceber que o adulto vítima do “ciclo da ignorância” seria identificado como alguém portador de “agressividade inútil”, e que atacaria o “bem afortunado”, por descompensação de sua miséria, ou por manipulação feita por terceiros que trariam “doutrinas espúrias”. Portanto, o trabalho a ser realizado e que romperia o “ciclo da ignorância” serviria, simultaneamente, para formar adultos voltados para o trabalho obediente e para aceitação da ordem estabelecida.

Verifica-se algo da funcionalidade da medicina social, analisada por Foucault, no qual a criança e as famílias pobres passam a ter na sociedade capitalista um olhar médico que busca estudar e explicar os problemas sociais sob uma ótica médica que, muitas vezes, responsabiliza as próprias famílias, quase que unicamente, pela situação em que se encontram.

Para combater o “ciclo da ignorância”, o trabalho era realizado da seguinte forma:

1) Ao nascer uma criança, a SATC era avisada e as visitadoras sociais - Irmãs da Divina Providência - iam ao domicílio da família e faziam uma ficha de cadastro registrando a criança e o estado da casa e do ambiente em geral. No que tange a esse cadastro inicial, é interessante sinalizar que a família mineira pouco podia fazer para evitá-lo. Pois, segundo o Relatório de 1964, para receber o salário-família, o mineiro teria de comunicar à empresa mineradora o nascimento de seu filho. A empresa então entraria em contato com a SATC para a realização do cadastramento⁸⁶.

2) A mãe deveria levar o recém-nascido a um posto de atendimento da comunidade em que residia, mensalmente, a partir da

⁸⁶ **RELATÓRIO** de atividades da SATC, 1964, p. 8. Acervo da SATC.

segunda semana do nascimento. A cada mês a criança seria pesada, medida, examinada, vacinada, e a mãe recebia orientação relativamente à alimentação de seu filho.

3) A mãe da criança recebia noções de puericultura no próprio posto de atendimento e aprendia cursos de corte e costura, culinária e demais cursos oferecidos pelas Irmãs da Divina Providência por intermédio da SATC⁸⁷.

Diante de tais medidas, a SATC estaria contribuindo na formação de uma nova geração de mineiros, contando, para tanto, com o trabalho da Congregação da Divina Providência entre outras Ordens.

3.1 RELIGIOSAS E MINERADORES NA FORMAÇÃO DE UMA NOVA GERAÇÃO

De acordo com o exposto, a principal argumentação para a construção da SATC era o combate à mortalidade infantil. Para isso, em 1965, em parceria com as Irmãs da Divina Providência iniciou-se oficialmente a campanha de puericultura na região carbonífera. Todavia, é possível perceber por intermédio da teorização do “círculo da ignorância” e da sistematização dos trabalhos de puericultura e assistência social, promovidos por meio da SATC, uma intencionalidade de não apenas combater a mortalidade infantil e propiciar o pleno desenvolvimento fisiológico das crianças, mas de gerir seu desenvolvimento intelectual e moral, de modo a garantir a formação de indivíduos voltados aos interesses das mineradoras. Assim, seria formada uma nova geração de mineiros, pautada no que as indústrias mineradoras e algumas ordens religiosas entendiam como corretas. É possível observar também a íntima ligação entre o trabalho realizado pelas Irmãs da Divina Providência e as empresas mineradoras por meio da SATC, que tinha considerável controle e informação acerca do trabalho desenvolvido nas vilas operárias. Dessa forma, constituía-se uma aliança entre o poder econômico local por meio das empresas mineradoras (representadas e associadas por meio da SATC) e as Irmãs da Divina Providência, entre outras ordens religiosas, de modo a adestrar as famílias mineiras e combater indiretamente as greves e ideologias contrárias aos interesses das empresas mineradoras.

⁸⁷ **RELATÓRIO** de atividades da SATC, 1964, p. 8. Acervo da SATC.

Nesse sentido, Rabelo explica que as principais ordens religiosas que atuaram na região carbonífera tiveram, como contexto de emergência, a Europa do século XIX e início do XX, em um período de desenvolvimento e expansão industrial, e igualmente de organização da classe trabalhadora, com surgimento de partidos comunistas no mundo, pela teorização do socialismo, e pela crescente organização e combatividade dos movimentos operários. Nesse contexto, a igreja intentava neutralizar as alas mais radicais do proletariado, buscando uma conciliação de classe, lutando para isso, para o maior assistencialismo aos trabalhadores, ao mesmo tempo em que buscava condicioná-los a aceitar o *status quo* e a lógica do sistema industrial capitalista. A autora, com base na Encíclica *Rerum Novarum* publicada em 1891 pelo Papa Leão XIII, a qual trata e oficializa a Doutrina Social da igreja católica, indica que na *Rerum Novarum*, a

condição dos operários ganhou centralidade. O documento defendia a conciliação entre capital e trabalho, entre a riqueza e o proletariado, haja vista que neste período o movimento operário estava em ebulição nos países que serviram de berço para a revolução industrial. Neste sentido, ‘a Igreja, instruída e dirigida por Jesus Cristo, eleva a seu olhar para mais alto; propõe um conjunto de preceitos mais completos, porque ambiciona estreitar a união das duas classes até as unir uma a outra por laços de verdadeira amizade’⁸⁸.

Percebe-se, assim, uma convergência de interesses e visões estratégicas, que unirão parte do poder religioso e a elite econômica da região carbonífera, reunida por meio da SATC, para juntos, e de forma coordenada, buscar aliviar parte da miséria da classe trabalhadora. Esse objetivo buscava ser atingido por meio de um conjunto de ações de assistência social à criança e às famílias mineiras, ao mesmo tempo, que procurava nessas mesmas ações, neutralizar as alas radicais e combativas do movimento trabalhador mineiro da região e assegurar o

⁸⁸ RABELO, Giani. **Entre o hábito e o carvão**: pedagogias missionárias no sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p.150.

desenvolvimento de uma nova geração de crianças mineiras de acordo com sua visão de mundo.

Pode-se observar a quantificação do trabalho das visitadoras sociais na - Tabela 1-.

Tabela 1: Trabalho de Puericultura realizado até 1969.

Zonas de Atendimento	Núcleos de Atendimentos	Nº de crianças cadastradas em cada ano.					Total
		1965	1966	1967	1968	1969	
1º Zona Criciúma. Atendida pelas Irmãs da Divina Providência em convênio com a SATC a partir de maio de 1965.	1- Rio Maina	100	133	143	129	119	624
	2-União e Cidade Mineira	65	99	112	151	109	536
	3-Metropolitana	105	201	231	204	182	923
	4- São Marcos	53	58	89	57	47	304
	5- Boa Vista	47	48	69	69	68	301
	6- Mina do Mato	28	60	59	40	43	230
	7- Mina Naspoline	10	8	21	10	7	56
	8- Mina do Bainha	8	18	10	2	4	42
	9- Linha Batista	47	30	29	25	33	164
	10- São Simão	15	30	18	13	15	91
	11-Próspera	200	395	325	243	257	1.520
	12- Operária Velha	42	75	90	61	119	387
	13-Operária Nova	16	19	6	24	28	93
2º Zona Siderópolis. ⁸⁹	14- Siderópolis	-	-	-	13	37	50
	15- Fiorita	-	-	-	-	29	29
3º Zona de Içara. ⁹⁰	16-Mineração Içara	-	-	-	17	73	90
4ª Zona de Lauro Muller. ⁹¹	17- Lauro Muller	-	-	-	-	33	33
	18- Guata	-	-	-	-	110	110
	19- Barro Branco	-	-	-	-	37	37
	20- Ipanema	-	-	-	-	43	43
Total	20- Postos	736	1.174	1.202	1.158	1.393	5.663

Fonte: Tabela construída pelo autor com os dados coletados dos relatórios de atividades da SATC (1965-1969).

⁸⁹ Atendida pelas Irmãs Missionárias da Caridade, em convênio com a SATC a partir de outubro de 1968. **RELATÓRIO** de atividades da SATC, 1969, p. 6.

⁹⁰ Atendida pela Congregação das Filhas do Divino Zelo, desde setembro de 1968 em convênio com a SATC. **RELATÓRIO** de atividades da SATC, 1969, p. 6.

⁹¹ Atendida pelas religiosas do Instituto Coração de Jesus. Desde março de 1969 em convênio com a SATC. **RELATÓRIO** de atividades da SATC, 1969, p. 6.

Conforme a Tabela 1, apesar de voltado para a região carbonífera, na década de 1960, o serviço social da SATC, concentrava-se na cidade de Criciúma, em treze núcleos de atendimento. Apenas no fim dessa década é que as demais regiões, por meio de outras parcerias, o trabalho de puericultura foi expandido. Como salientado, o trabalho de puericultura era realizado com o cadastramento das famílias mineiras. A família mineira era obrigada a participar de tais ações para poder receber o auxílio salário-família. Os núcleos de atendimento observados na Tabela 1 representam as vilas operárias das regiões de maior extração de carvão da cidade e tinham uma concentração maior de mineiros, em especial na Próspera, onde se localizava uma das minas estatais da CSN. Até 1969, a SATC teve 5.663 crianças cadastradas, sendo o cadastro também estendido para o restante da família. Desse modo, a Instituição buscava ter amplas informações acerca da população mineira.

A Tabela 1 igualmente ajuda a entender como esses núcleos, mais especificamente, os treze núcleos de Criciúma, localizados em vilas operárias de maior densidade populacional, teciam uma considerável rede de vigilância e normatização das famílias mineiras, que iam além do combate à mortalidade infantil. As mineradoras tinham acesso aos dados por meio da SATC, e o papel das Irmãs da Divina Providência, em maior proporção em relação às demais ordens religiosas, era vigiar e orientar esses mineiros de acordo com uma perspectiva religiosa e filosófica da SATC, a quem as irmãs eram subordinadas.

O serviço social da SATC ainda fornecia, por intermédio das Irmãs da Divina Providência, “visitas” às famílias mineiras pelos núcleos de atendimento da Instituição, independentemente do nascimento de uma criança, como salienta o relatório de 1964:

Diariamente em Núcleos pré-fixados, são feitas ‘visitas domiciliares’, em casas de operários vinculados a empresas carboníferas. Nesta ocasião, enquanto as visitadoras fazem ‘A FICHA DE VISITA DOMICILIAR’, são tratados e abordados vários assuntos, inclusive os problemas existentes na família vão sendo expostos e devidamente estudados, analisados, sendo

inúmeros deles e na grande maioria, solucionados⁹².

O alcance dessas visitas domiciliares pode ser quantificado por meio da Tabela 2.

⁹² **RELATÓRIO** de atividades da SATC, 1964, p. 6.

Tabela 2: Visitas domiciliares

Núcleos de Atendimento	Nº de visitas realizadas pela SATC						Total ⁹³
	1964	1965	1966	1967	1968	1969	
Rio Maína	-	-	250	168	149	135	702
União e Cidade Mineira	-	-	185	125	182	115	607
Metropolitana	-	-	320	235	208	190	953
São Marcos	-	-	121	93	98	55	357
Boa Vista	-	-	100	75	71	72	318
Mina do Mato	-	-	85	72	50	45	252
Mina Naspoline	-	-	16	35	12	17	80
Linha Batista	-	-	40	45	28	35	148
Mina do Bainha	-	-	23	22	04	14	63
São Simão	-	-	35	20	13	18	86
Próspera	-	-	425	343	353	267	1.388
Operária Nova	-	-	21	12	-	28	61
Operária Velha	-	-	80	92	28	122	322
Lauro Muller	-	-	-	-	-	71	71
Guatá	-	-	-	-	-	163	163
Barro Branco	-	-	-	-	-	67	67
Ipanema	-	-	-	-	-	73	73
Siderópolis	-	-	-	-	60	37	97
Fiorita	-	-	-	-	-	56	56
Mineração Içara	-	-	-	-	268	73	341
Total	333 ⁹⁴	1.497 ⁹⁵	1.701	1.337	1.524	1.653	8.045

Fonte: Tabela construída pelo autor com os dados coletados dos relatórios de atividades da SATC (1964-1969).

⁹³ Este total refere-se ao período de 1966 a 1969 já que, entre 1965 e 1966, não havia a discriminação das visitas por núcleo de atendimento da Instituição.

⁹⁴ No relatório de atividades da Instituição de 1964, apenas consta o total de visitas registradas, não apresentando os dados de cada núcleo de assistência social.

⁹⁵ No relatório de atividades da Instituição de 1965, apenas consta o total de visitas registradas, não apresentando os dados de cada núcleo de assistência social.

Nota-se, assim, a presença religiosa tanto religiosa quanto institucional na “educação” dessa comunidade mineira. Rabelo, com base em documentos das Irmãs da Divina Providência, apresenta algumas das intencionalidades na realização dessas visitas:

Nas visitas domiciliares, as Irmãs têm a oportunidade de se dedicar a muitos trabalhos, bem como, viver e sentir as necessidades do meio. Nestas visitas, fala-se da necessidade de cuidar da higiene das crianças e da casa, dos benefícios que traz a plantação de uma horta. Aconcelha-se a esposa impaciente e descuidada que cuide bem do marido. Encaminha-se um casamento, um documento profissional e sobretudo, procura-se educar (Álbum/relatório, 1955-1957,p.8)⁹⁶

Por meio dessas ligações institucionais, verifica-se uma aliança entre parte do poder religioso, representado pelas Irmãs da Divina Providência, e o poder econômico da cidade, representado pela SATC, na vigilância e normalização da família mineira⁹⁷. Também, é possível perceber o papel das religiosas, como mediadoras de conflito e conselheiras. Por meio de suas opiniões e conselhos, buscavam estabelecer a harmonia e a paz social nas vilas operárias, Rabelo caracterizou essa ação como pedagogia missionária. As religiosas realizavam visitas e ações sociais, e medidas educacionais que buscavam educar as famílias mineiras a uma perspectiva moral e religiosa entendida como correta.

O combate ao “ciclo da ignorância” tinha a criança como principal alvo, representante de uma nova geração mineira, capaz de escapar dos vícios de seus pais. Entretanto, para atingir as crianças, as mães eram percebidas como público-alvo. Ao se educar a mãe e esposa, estava-se contribuindo na formação do pleno desenvolvimento fisiológico e educação moral das crianças, além de influenciar positivamente seus maridos. Tal era a estratégia, fomentar várias

⁹⁶ Álbum/Relatório, 1955-1957, p. 8. apud RABELO, Giani. **Entre o hábito e o carvão:** pedagogias missionárias no sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p. 250.

⁹⁷ Norberto Dallabrida, ao estudar a história do Ginásio Catarinense, também sinalizou a aliança do poder político e econômico do Estado com parte do poder religioso para a manutenção do *status quo* e normalização da sociedade. DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites:** o ginásio catarinense na primeira república. Florianópolis: Cidade Futura. 2011, p. 73-75.

iniciativas pedagógicas, envolvendo as mulheres, crianças e jovens das vilas operárias (Tabela 3).

Tabela 3: Cursos Populares da SATC.

Número de alunos matriculados nos cursos Populares da SATC até 1969, número de participantes nos clubes de mães e jovens ⁹⁸ da instituição e número de participantes das projeções realizadas até 1969.					
Ano	Artes Culinárias	Trabalhos Manuais e Ornamento do Lar	Clubes de Mães	Clubes de Jovens	Projeções Fixas
1964	127	232	1.027	1.351	18.580
1965	222	417	1.316	1.721	-
1966	59	187	686	376	3.815
1967 ⁹⁹	-	-	1.985	613	2.634
1968	87	218	1.134	552	2.358
1969	79	192	980	1.275	1.302
Total	574	1.286	6.208	5.888	28.689

Fonte: Tabela construída pelo autor com os dados coletados dos relatórios de atividades da SATC (1963-1969).

Na Tabela 3, é possível perceber as ações concretas do que Rabelo conceituou como “pedagogia missionária”, e que Carola sinaliza como sendo principal alvo a formação de “boas mães e esposas”. Os cursos de culinária, trabalho manual e ornamento do lar, assim como os clubes de mães e de jovens, tinham como principal alvo as mulheres, em uma clara pedagogia sexista, voltada à formação de mulheres, dedicadas ao serviço do lar. Da mesma forma, é importante destacar o número de projeções realizadas pelo serviço social da SATC, que também apresentava um caráter pedagógico e de formação:

⁹⁸ Os dados dos clubes de mães e jovens referem-se ao número de participações nas seções desses clubes e não ao número de associados.

⁹⁹ Não havia os dados referentes a matrículas nos cursos populares oferecidos pela SATC nesse ano.

Os Diafilmes têm sido projetados e explicados pelas religiosas, ocasiões em que são feitas palestras e bordados e discutidos vários assuntos que visam melhorar as relações humanas e as virtudes morais, cívicas e sociais dos presentes. Nos intervalos são ensinados cânticos diversos, ao som do violão, o que tem despertado grande interesse das famílias¹⁰⁰.

O que se pode notar é que as atividades sociais prestadas pela SATC, por intermédio das Irmãs da Divina Providência e outras ordens religiosas, iam muito além do trabalho de puericultura e do combate à mortalidade infantil. A dinâmica do serviço social da SATC era muito mais ampla e complexa. Era, de certa forma, uma ação pedagógica de educação das famílias mineiras à lógica emergente do complexo carbonífero em construção, que necessitava de trabalhadores saudáveis, mas também com uma formação moral e intelectual voltada ao trabalho e aceitação do *estatus quo*, assim como um papel bem definido das mulheres, voltado a serem boas esposas, boas mães, e influenciarem seus maridos e filhos a aceitar a realidade social em que se encontravam.

¹⁰⁰ **RELATÓRIO** de atividades da SATC, 1964, p. 5.

4 EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE: A ELITE TRABALHADORA.

A instituição educacional SATC, nos dias de hoje, é tida pelas empresas mineradoras como o “Diamante mais precioso” da região sul catarinense, produzido pela mineração, sendo o diamante o principal símbolo da Escola.

Figura 3 – Logotipo da SATC



Fonte: Disponível em: << <http://www.portalsatc.com/site/index.php>>> Acesso em: 16 de ago. 2014.

As empresas mineradoras buscam, na história dessa instituição filantrópica, criada no final da década de 1950, uma ferramenta para evidenciar o “compromisso social” das empresas mineradoras para a região Sul catarinense, identificando, na SATC e em sua trajetória, o principal exemplo desse comprometimento social.

Na década de 50, Criciúma, cidade tipicamente operária, debatia-se com o angustiante problema político social. A situação era grave, principalmente nos meios operários das minas de carvão, pois faltava conscientização e mão de obra qualificada, o que comprometia a qualidade de vida e bem estar das pessoas da região. As empresas produtoras de carvão, sem o necessário apoio do governo, que se limitava a fixar cotas de produção e mercado consumidor, sentiam-se impotentes, podendo oferecer pouco, no sentido de evitar ou ao menos contornar os graves problemas sociais advindos da instabilidade. Preocupados com esta situação, os produtores de

carvão realizaram um esforço mútuo para amenizar a realidade atual e criaram um espaço para preparar melhor a mão de obra da região, pois acreditavam que assim provocariam mudanças significativas no quadro social do momento¹⁰¹.

Diante da perspectiva oficial da Instituição relativamente à história de fundação de sua escola, a SATC representaria o principal “diamante” e ação de generosidade das empresas mineradoras para com os mineiros e suas famílias.

A Escola Industrial Masculina da SATC (Figura 4) foi inaugurada em 1963 com o intuito de atender aos filhos dos mineiros da região carbonífera e propiciar a eles uma educação voltada para o trabalho. Para administrar a Instituição, foram firmados dois acordos principais: um deles com o SENAI¹⁰², e outro com os Irmãos Maristas¹⁰³. O SENAI forneceria professores e sua experiência no ensino profissionalizante, sendo 15% das matrículas na Escola Industrial da SATC destinados a essa entidade.¹⁰⁴ Os Irmãos Maristas seriam responsáveis pela formação religiosa e cultural dos alunos. Como a Instituição tinha sua sede em Criciúma, mas havia sócias de outras cidades da região, foi construído um internato que servia para atender aos alunos de cidades mais distantes de Criciúma. Os Irmãos Maristas também assumiam a função administrativa do internato.

¹⁰¹ Disponível em:

<< http://www.portalsatc.com/site/interna_institucional.php?i_grupo=143>>. Acesso em: 13 de ago.2014.

¹⁰² “A SATC aproveitando a tradicional experiência do SENAI no ensino da Aprendizagem Industrial, fez com o mesmo um convênio, pelo qual a orientação dos cursos de aprendizagem industrial ficaram a seu cargo, lhes sendo concedidos 15% das matrículas da Escola, a filhos de operários vinculados a outras indústrias que não a carbonífera, contribuindo também, o SENAI, com uma verba para a manutenção desses cursos. Cumpre acentuar que esse convênio SATC-SENAI não abrange a SATC como entidade assistencial mas se relaciona, única e exclusivamente, ao setor de sua Escola Industrial Masculina. **RELATÓRIO** de atividade da SATC. Convênio SATC-SENAI.1963, p. 5. Acervo SATC.

¹⁰³ “Também com os Irmãos Maristas, tradicional Ordem Religiosa de Educadores, a SATC tem procurado entendimento para um convênio de colaboração administrativa e de ensino de matérias de cultura geral do Ginásio Industrial e, ainda, para a administração e funcionamento do “Internato”, que está previsto para o ano de 1964. Devemos assinalar que já no ano de 1963 tivemos a colaboração dos Irmãos Maristas, na pessoa do Irmão Antônio Bettoni, Irmão Narciso D’Avila Vieira e Irmão Aloysio Hentique Kny, nas funções de Diretor da Escola e Professor de Artes Industriais, respectivamente, embora o convênio ainda não tivesse sido concluído, o que está previsto para princípios do ano”. **RELATÓRIO** de atividade da SATC. Convênio Irmãos Maristas. 1963, p. 5. Acervo SATC.

¹⁰⁴ **RELATÓRIO** de atividades da SATC. 1963. p. 5. Acervo da SATC.

Figura 4: Escola Industrial Masculina da SATC



Fonte: RELATÓRIO de Atividades da SATC de 1964. Acervo da SATC.

A Escola Industrial Masculina possuía, no período em estudo, uma área coberta de 6.200 m², com capacidade para trezentos alunos, 150 internos e 150 externos. Embora o relatório indique que a escola comportaria mais 250 alunos externos, o que representaria um total de 550 alunos, nos anos de 1963 até 1969, tal número nunca foi atingido ¹⁰⁵.

Uma das fontes de financiamento da SATC em seu período de fundação era a contribuição advinda com a venda do carvão extraído. A cada tonelada de carvão vendido, as empresas sócias, eram obrigadas a repassar um percentual para o financiamento da SATC. Inicialmente, tal percentual era de 2% por tonelada de carvão vendido. Todavia, o valor foi reduzindo-se em termos percentuais no período, conforme indica a Tabela 4.

¹⁰⁵ RELATÓRIO de atividades da SATC. 1963, p. 3. Acervo da SATC.

Tabela 4: Renda Advinda das Empresas Mineradoras.

<u>DATA</u>	<u>CUSTO</u> <u>CARVÃO</u> <u>P/Tonelada</u>	<u>TAXA</u> <u>AUMENTO</u> <u>do carvão</u>	<u>CONTRIBUI</u> <u>ÇÃO À</u> <u>SATC</u>	<u>VARIAÇÃO</u> <u>TAXA</u> <u>SATC %</u>
11/1959	1.160,00	...	23,20	2,00
06/1960	1.600,00	28,72	23,20	1,44
06/1961	2.001,00	21,27	26,00	1,29
01/1962	2.719,80	35,92	26,00	0,95
07/1962	2.995,00	10,12	26,00	0,86
10/1962	3.515,00	17,36	33,00	0,94
01/1963	4.338,00	23,41	38,00	0,87
06/1963	6.283,00	44,84	38,00	0,60
01/1964	9.160,00	45,79	58,00	0,64
06/1964	12.390,00	35,26	70,13	0,56
03/1965	18.265,00	47,41	70,13	0,38
03/1966	Cr\$. 24.113,00	32,28	70,13	0,29

Fonte: Tabela Base retirada do relatório de Atividades da SATC, 1966. Acervo da SATC.

Em 1967, essa taxa de contribuição tinha caído para 0,7%, em 1968, com as pressões da SATC e da Comissão do Plano do Carvão Nacional (CPCAN) ¹⁰⁶, o percentual foi elevado para 0,14, chegando, em 1969, ao percentual de contribuição de 0,17% em relação a tonelada de carvão vendido pelas empresas mineradoras.

Constata-se que, apesar de o valor repassado para a instituição aumentar, em termos percentuais diminui. A despeito de o carvão na regional ter seu custo valorizado na década de 1960, e a expansão da indústria carbonífera ter aumentado a extração de carvão, tal aumento não foi repassado, em termos percentuais, para a Instituição. Dessa forma, coube ao Estado financiar, em certa medida, direta e indiretamente à SATC.

Ainda que o discurso da Instituição identificasse as empresas mineradoras como as idealizadoras do projeto SATC e as mantenedoras dessas medidas assistencialistas, tais afirmações mostram uma relativa limitação. Ao se estudar os relatórios da Instituição, principalmente,

¹⁰⁶ A CPCAN foi criada em 1960 para executar o Plano Nacional do Carvão.

após 1966, a contribuição estatal para a SATC aumentou consideravelmente. Em 1967,

pela vez primeira conseguiu a SATC firmar, convênio operacional com o Governo do Estado de Santa Catarina, no montante de CR\$ 9.920,00 e, do mesmo modo recebemos neste ano, a valiosa colaboração da Comissão do Plano do Carvão Nacional, em forma de subvenção no montante de Cr\$ 20.000.00¹⁰⁷.

Em 1968, o governo de Santa Catarina aumentou sua contribuição para o valor de CR\$ 24.380,00. e a SATC conseguiu com a CPCAN subvenção, no valor de Cr\$ 134.500.00, para aquisição de veículos destinados aos diversos setores assistenciais, montagem da oficina de automóveis, móveis e manutenção dos Serviços Sociais¹⁰⁸.

Em 1969, a contribuição do Estado de Santa Catarina foi elevada para Cr\$ 36.800,00, e a CPCAN forneceu um auxílio financeiro de Cr\$ 15.000,00¹⁰⁹. Percebe-se que, ao comparar os valores, advindos com a captação de recursos estatais, e com a contribuição obrigatória das empresas mineradoras, quantificados na Tabela 5, o valor subvencionado pelo Estado era significativo.

É importante destacar que a Carbonífera Próspera S. A. e a CSN do município de Siderópolis¹¹⁰ (Subsidiária da CNS de Volta Redonda/RJ) eram duas das maiores produtoras de carvão. O que chama a atenção é que ambas eram empresas estatais, sócias fundadoras da SATC, e, conseqüentemente, principais financiadoras da SATC, por meio de sua produção de carvão, como é possível constatar na Tabela 5.

¹⁰⁷ **RELATÓRIO** de atividades da SATC. 1967, p. 1. Acervo da SATC.

¹⁰⁸ **RELATÓRIO** de atividades da SATC. 1968, p. 1. Acervo da SATC.

¹⁰⁹ **RELATÓRIO** de atividades da SATC. 1969, p. 2. Acervo da SATC.

¹¹⁰ Fundada em 1958, a cidade ganhou este nome, em homenagem à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que teve papel importante na economia e formação da região.

Tabela 5: Contribuição por empresa mineradora (1964).

Empresas	Repasse Financeiro para a SATC em 1964
Barro Branco.	9.033.815,90
Carbonífera Boa Vista.	2.238.561,10
Carbonífera Brasil.	137.706,60
Carbonífera Urussanga.	2.696.744,80
Carbonífera Catarinense.	2.857.585,80
C. B. C. A	4.901.668,80
Carbonífera Criciúma Ltda.	3.830.917,60
Carbonífera Metropolitana.	9.063.215,20
Mineração Geral do Brasil.	7.398.949,30
Carbonífera Monte Negro.	2.300.229,10
Carbonífera Pinheirinho.	488.885,00
Carbonífera Prospera.	19.020.954,60
Carbonífera São Marcos.	2.576.232,90
CSN.	8.436.096,40
Carbonífera Treviso.	8.675.213,20
Carbonífera União.	2.010.487,80
Total Geral:	Cr.\$ 85.667.264,40 ¹¹¹

Fonte: **RELATÓRIO** de atividade da SATC, 1964. p. 9.

Assim, o Estado brasileiro, direta e indiretamente, por intermédio das mineradoras estatais, do governo de Santa Catarina e da CPCAN, teve importante participação na manutenção e financiamento da SATC também em seus primeiros anos de emergência. Esse fato leva a questionar a ideia predominante de que a escola seria o fruto da vontade das empresas mineradoras que, por esforço próprio, planejaram e financiaram a SATC. Tendo, assim, o Estado papel ativo na emergência e financiamento da Instituição filantrópica, SATC.

A Escola Industrial Masculina era, inicialmente, exclusiva para meninos, destinada à formação técnica em profissões, tidas, no período, de exclusividade de atuação dos homens. Essa exclusividade masculina (comum a outras instituições religiosas) se manteve até 1975,

¹¹¹ Destaca-se, que após 1964, a SATC parou de detalhar os valores, em seus relatórios de atividade, a contribuição por empresa mineradora sócia.

quando a Escola técnica transformou-se em uma escola mista, ainda que o número de alunas na Instituição fosse baixo:

‘Estudava em Siderópolis e em 1976 entrei na SATC. Se havia 20 mulheres em toda a Escola era muito, e poucas concluíam os estudos. Formei-me em Mecânica orientada para o Desenho Técnico. Sempre me senti bem aqui e os rapazes ajudavam as moças nas aulas de solda, tornearia, com os equipamentos mais pesados. Como minha família não tinha condições de pagar meus estudos e eu sempre quis trabalhar, a SATC foi a minha grande chance. Foi a Melhor época da minha vida’¹¹².

Anteriormente à abertura da Instituição ao público feminino, havia-se pensado e planejado a construção de uma Escola Profissional Feminina. Essa escola seria construída em um terreno doado pela Companhia Mineração Geral do Brasil Ltda., em uma área de 239.947 m², conhecida como “Retiro Pamir”, no município de Urussanga, no Sul de Santa Catarina. A doação feita, no fim de 1963, tinha como condição a abertura da Escola Profissional Feminina, até o ano de 1967, sob pena de anulação da doação do terreno. Sob a justificativa de o orçamento da SATC estar comprometido com as ações já realizadas pelo seu serviço social e Escola Industrial Masculina o projeto de construção de uma escola feminina não saiu do papel¹¹³. Apesar de ter sido um projeto que não veio a se tornar realidade, é interessante perceber a intencionalidade da SATC no referido projeto. A Escola Profissional Feminina teria como alvo as filhas dos mineiros da região carbonífera, sócias da Instituição, e ofereceria para elas cursos de formação profissional de corte e costura, bordados, confecções, tecelagem, cursos domésticos de arte culinária, higiene do lar, valor nutritivo dos alimentos, noções de endemias, epidemias e conhecimento de enfermagem¹¹⁴. Constata-se uma nítida semelhança nos cursos oferecidos às mães e esposas da região carbonífera, por meio do Serviço Social da SATC, voltados não somente ao combate da mortalidade infantil, mas igualmente à formação de boas mães e boas esposas.

¹¹² Entrevista concedida por Ingrid Búrgio Carminatti, ex aluna da SATC, In: LARA, Larissa Lenardi; BURIGO, Lize. **Com o carvão Mineral, há 50 anos essa história começou**. SATC. 2009. p. 51.

¹¹³ **RELATÓRIO de atividades da SATC**, 1966. p. 5-6.

¹¹⁴ **RELATÓRIO de atividades da SATC**, 1963. p. 5.

4.1 A fabricação da elite trabalhadora

A “fabricação escolar das elites” é um termo cunhado por Dallabrida, ao estudar a emergência do Ginásio Catarinense na primeira república, em Florianópolis (SC). Em sua pesquisa, examina o processo em que essa instituição deixa de ser pública e passa a ser administrada pelos Jesuítas, em uma aliança entre a elite governante de Santa Catarina e parte do poder religioso. O autor sinaliza o caráter elitista da instituição, tendo como alguns de seus objetivos a distinção da classe dominante assim como a formação/fabricação escolar, de uma elite econômica e política catarinense. Para a fabricação dessa elite social, a escola tinha um papel fundamental, realizado pela seleção dos alunos que frequentavam o colégio, disciplina e organização das matérias escolares, oferecimento de prêmios e incentivos aos melhores alunos, um processo de construção/fabricação escolar dessa futura elite social¹¹⁵.

No que diz respeito à Instituição SATC, não se percebe a intencionalidade manifestada, por exemplo, pelo Ginásio Catarinense, de formar e “fabricar” uma elite política e econômica, que ocuparia postos de mando e governança na sociedade. Ainda assim, nota-se a intencionalidade de fabricar uma “elite trabalhadora”, voltada a ocupar postos técnicos surgidos com a modernização e expansão do complexo carbonífero Sul catarinense e que servisse de potencial aliado das mineradoras em meio ao restante dos trabalhadores mineiros. Para tal objetivo, a seleção dos alunos que frequentariam a escola, as regras de permanência, a disciplina escolar, as atividades cívicas e os prêmios para os alunos modelos eram dispositivos importantes.

A observação feita por Benedit acerca das diferenças de objetivos dos Irmãos Maristas em sua rede de escolas particulares, e os objetivos que alcançavam na SATC, onde administravam o Internato e cuidavam das disciplinas que não envolviam diretamente o ensino profissionalizante, ajudam a pensar sobre tal perspectiva.

Para tanto, a prática pedagógica dos Maristas mostrava-se bem diversificada: os alunos do Colégio eram seguidamente estimulados a serem líderes, ou seja, a se prepararem para o exercício profissional, engenheiros, médicos, advogados,

¹¹⁵ DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o ginásio catarinense na primeira república**. Florianópolis: Cidade Futura. 2011.

mas na condição de chefes ou donos de empresas, enquanto que para os alunos do ensino profissionalizante da SATC estava reservada uma posição de subalternidade, mas uma subalternidade apta a agir com rapidez e eficiência na execução das tarefas que lhes fossem demandadas, cumprindo seus compromissos e atendendo às expectativas da coletividade em que estavam inseridos ¹¹⁶.

Ainda que com objetivos diferentes, os alunos da SATC tinham, de certa forma, uma formação voltada à liderança, dentro do contexto em que estariam inseridos. Ou seja, líderes no grupo de trabalhadores, porém, obedientes e disciplinados no tocante à hierarquia, servindo igualmente à SATC, como dispositivo de distinção social de seus alunos, junto à maioria dos mineiros.

Um dos possíveis dispositivos para formação dessa elite trabalhadora era o processo de seleção dos alunos que poderiam frequentar a instituição, assim como as regras de permanência nela. Sobre as formas de ingresso na Instituição, os pretendentes, deveriam cumprir alguns requisitos:

1. O Tutor ou adotante deveria ser um empregado da empresa carbonífera ou da Comissão Permanente do Sindicato da Indústria de Extração do Carvão.
2. Ter menos de 18 anos.
3. Curso Primário Completo.
4. 14 anos para ingressar no curso de aprendizagem industrial.
5. Não Portador de Doença Contagiosa.
6. Capacidade Física para os Trabalhos a serem realizados ¹¹⁷.

¹¹⁶ BENEDET, Ângela Maria. **Quando as engrenagens se movimentam (ou a criação da SATC em Criciúma e sua administração pelos Irmãos Maristas, mineradores e SENAI 1963 a 1990)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis.

p. 62.

¹¹⁷ LARA, Larissa Lenardi; BURIGO, Lize. **Com o carvão Mineral, há 50 anos essa história começou**. SATC. 2009. p. 26.

Além, desses requisitos, os alunos que contemplavam esse perfil obrigatório, passavam por um teste de seleção, no qual os melhores colocados teriam a oportunidade de ingressar na Instituição. O teste de admissão na instituição para o primeiro ano do ginásio Industrial constituía, segundo o regimento interno de 1969, de provas de português, matemática e estudos sociais (história e geografia). A prova escrita de português e de matemática, tinha caráter eliminatório, sendo 5 a nota mínima em português e 4 em matemática para não desclassificação do candidato ¹¹⁸.

Para admissão na primeira série do curso de aprendizagem industrial, os candidatos também passavam por um teste de seleção aplicado pela Instituição. Entre as exigências para participação no teste, estava a obrigatoriedade da idade mínima de 14 anos, ter aptidão física e mental para a atividade que o candidato pretendia exercer, e não possuir moléstias contagiosas ¹¹⁹.

No que se refere à permanência dos estudantes na instituição, o regimento interno proibia os alunos de algumas práticas, entre as quais, trazer livros, gravuras ou escritos considerados imorais pela SATC, assim como praticar atos desonestos, ter conversas e maneiras menos decorosas e ostentar irreligiosidade. As penalidades possíveis eram a de repreensão em particular, suspensão e cancelamento da matrícula com expedição de transferência do aluno ¹²⁰.

Em caso de reprovação em algumas das séries do curso de aprendizagem industrial ou do ginásio industrial o aluno perderia o direito de renovação de matrícula na SATC, e estaria automaticamente expulso ¹²¹.

Conclui-se, por meio do teste de seleção e das regras de permanência, em especial no tocante à não renovação de matrícula em caso de reprovação, haver um caráter seletivo relativamente rígido. Eram selecionados e oportunizava-se aos “melhores” alunos do círculo familiar mineiro o acesso à instituição. Quando se pensa que a instituição alegava que o “ciclo da ignorância” era um dos principais problemas causadores da mortalidade infantil nas famílias mineiras, a SATC identificava na falta de estudo e ignorância das famílias mineiras, o causador principal, dos problemas sociais vividos na região. Em

¹¹⁸ **REGIMENTO** interno da SATC, 1969. Acervo da SATC. p. 10.

¹¹⁹ **REGIMENTO** interno da SATC, 1969. Acervo da SATC. p. 14.

¹²⁰ **REGIMENTO** interno da SATC, 1969. Acervo da SATC. p. 8-9.

¹²¹ **REGIMENTO** interno da SATC, Art. 78º - “O aluno reprovado, em qualquer das séries, perderá o direito de renovação de matrícula na referida escola” 1968. Acervo da SATC. p. 18.

contradição, o acesso à instituição, era feito por meio de testes, que previamente exigiam, dos candidatos, domínio da cultura escolar, com prévio conhecimento e domínio da língua portuguesa e matemática, entre outros. Desvela-se, de certa forma, uma contradição e certa intencionalidade de se selecionar “os melhores” e mais “aptos” filhos dos mineiros ao acesso e permanência na instituição.

Na Tabela 6, é possível mensurar o número de alunos atendidos pela Instituição no período de 1963 a 1969.

Tabela 6: Número de Alunos (1963-1969)

Ano	Total de Alunos Matriculados	Total de Aprovados	Total de Internos
1963	100	91	----- ¹²²
1964	210	207	40
1965	269	254	62
1966	273	232	79
1967	248	217	76
1968	265	231	130
1969	320	277	142

Fonte: Tabela elaborada pelo autor com base nos relatórios de atividades da SATC (1963-1969).

Apesar de o número de alunos ter aumentado a cada ano, assim como o número de alunos internos, o número total de alunos atendidos é bem inferior ao previsto no relatório de 1963 e relativamente pequeno se for levado em conta que apenas em Criciúma na década de 1960 registrava-se uma população de 50.854 pessoas aproximadamente ¹²³. O número de empregados na indústria mineradora era em torno de 6.778 pessoas ¹²⁴.

Dentre os trabalhadores casados, 97% têm filhos. 80% têm entre um e três filhos. Com quatro a seis

¹²² O Internato estava em construção nesse período: “Cumprе assinalar que em 1963 o Internato da Escola ainda não se encontrava totalmente instalado, obrigando-nos a manter os alunos internos, em número de 16, nas dependências do Bairro da Juventude dos Padres Rogacionistas, em convênio com essa Entidade, na base de Cr.\$ 15.000,00 por aluno mês.” **RELATÓRIO** de atividades da SATC, 1963, p. 9. Acervo da SATC.

¹²³ TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Insular, 1996, p. 53.

¹²⁴ GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002, p. 248.

filhos encontramos 12% das famílias. Com mais de sete filhos há 8% das famílias. Considerando que aproximadamente 45% dos trabalhadores têm menos de 30 anos de idade, há uma tendência a aumentar o número de filhos por família. Contudo, pode-se considerar que 80% das famílias dos trabalhadores ativos na mineração são constituídas de até cinco membros ¹²⁵.

Levando em consideração esses dados, verifica-se que, a despeito do aumento do número de alunos, tal número não atinge a comunidade mineira em sua maioria. O cadastro de 5.663 crianças pelo serviço de puericultura da SATC demonstra igualmente que os 320 alunos atendidos pela Instituição, em 1969, eram em número reduzido, e a SATC atendia, assim, a uma minoria de crianças da comunidade mineira, consideradas aptas a entrar e permanecer na Instituição. Isso principalmente ao se levar em conta que o serviço educacional abrangia a região carbonífera e não apenas Criciúma, como pode ser observado na Tabela 7, que apresenta a distribuição de alunos matriculados na SATC em 1969, por empresa mineradora na qual a família do estudante estava vinculada.

¹²⁵ VOLPATO, Terezinha Gascho. **A pirita humana**: os mineiros de Criciúma. Florianópolis: Ed. da UFSC, Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984, p. 86.

Tabela 7: Distribuição dos alunos por empresa mineradora (1969).

Empresas Mineradoras	Ginásio Industrial				Aprendizagem Industrial		Técnico Industrial em Eletro-Mecânica ¹²⁶	Total
Séries	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série	1ª Série	2ª Série	1ª Série	
Barro Branco	5	6	9	10	0	6	10	46
CSN	7	3	11	16	6	4	17	64
Próspera	1	6	1	1	9	2	3	23
CCU	0	4	6	4	2	1	1	18
CBCA	2	4	5	4	3	1	2	21
Metropolitana	11	7	2	5	2	3	4	34
Carbonífera União	5	5	2	2	1	1	1	17
Carb. Boa Vista	3	3	3	0	4	2	1	16
Carb. Mogi das Cruzes	4	2	3	1	1	2	1	14
Carb. São Marcos	2	3	1	0	2	2	1	11
Carbonífera Treviso	0	1	0	1	4	2	2	10
SATC	4	2	1	0	1	0	1	9
Carb. Pinheirinho	0	0	0	1	0	0	1	2
Carb. Catarinense	0	0	3	0	0	4	0	7
Carbonífera Criciúma	2	1	0	1	1	0	1	6
CPCAN	2	1	1	0	1	1	0	6
SENAI	1	1	2	0	6	4	0	14
Carbonífera Monte Negro	0	0	0	0	1	1	0	2
Total:	49	49	50	46	44	36	46	320 Matrículas

Fonte: Tabela construída com base nos dados fornecidos pelo Relatório de Atividades da SATC (1969).

Com base nos dados das Tabelas 6 e 7, observa-se que o número de alunos atendidos pela SATC era relativamente reduzido. Ao

¹²⁶ Curso Técnico iniciado em 1969.

se verificar a distribuição desses números pelas empresas mineradoras da região carbonífera sul catarinense, isso se torna mais nítido. O principal discurso proferido pela instituição educacional era de atender aos filhos dos mineiros da região carbonífera e, conseqüentemente, dar a eles uma oportunidade de vida melhor mediante uma educação de qualidade. Porém, esse discurso apresenta algumas limitações. Constatase que a maior parte dessa comunidade mineira não é atendida pelo serviço educacional da SATC. A obra intitulada “A pirita humana”, de Volpato, ajuda a compreender o possível motivo ¹²⁷. O trabalho mineiro era uma profissão não qualificada, a força física e o trabalho repetitivo eram as principais características da mineração. A maior parte dos filhos dos mineiros acabava seguindo o caminho de seus pais, realizando o trabalho no subsolo. Uma questão que se coloca diante disso: para a formação de que profissional os cursos de aprendizagem industrial e técnicos eram voltados?

Na década de 1960, começa a haver um processo de expansão do complexo carbonífero e de mecanização das minas de carvão, e, além dessa modernização, o trabalho passa a ser cada vez mais racionalizado, na busca do maior lucro possível. Com esse processo de racionalização e mecanização das minas de carvão na região de Criciúma (impulsionados pelas minas estatais da Próspera e CSN-Siderópolis), começa a se exigir, cada vez mais, pequenos serviços técnicos nas minas, para a “escoração” da mina, o serviço de solda para pequenas tarefas, eletricitas para cuidar da parte de iluminação, que era precária, mecânicos para cuidar da manutenção da nova maquinaria, entre diversas outras atividades técnicas que cada vez mais se faziam necessárias. Essas atividades exigiam um número relativamente pequeno de trabalhadores, sendo o trabalho mineiro de extração do carvão, mesmo nas minas mecanizadas, marcado pela falta de qualificação exigida no trabalho, tendo a prática e a capacidade física como as principais exigências do mineiro.

As profissões ou tarefas mais qualificadas não estão ligadas à produção, mas a serviço de manutenção, tais como os de eletricitas, encanadores, mecânicos e outros. A profissionalização está, pois, praticamente restrita aos setores de apoio à mineração, ou então ligados à supervisão do processo de trabalho, cuja escala é

¹²⁷ VOLPATO, Terezinha Gascho, **A Pirita Humana: Os Mineiros de Criciúma**. Florianópolis: UFSC/ Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. 1984.

de supervisor de conjunto (encarregado), capataz e chefe de divisão ¹²⁸.

O que se formula é que o ensino profissionalizante da SATC estava voltado para formar essa mão de obra qualificada e necessária para pequenos serviços pontuais na indústria mineradora e seu novo complexo. Esses profissionais técnicos exerciam, como apontou Volpato, posições de maior responsabilidade nas minas, ou, pelo menos mais próximas dos mineradores, o que ajuda a compreender a disciplina e educação oferecida pela escola, visando selecionar os “melhores” e formar profissionais leais e obedientes, de acordo com a posição que assumiriam depois de formados, uma espécie de “elite” trabalhadora próxima às mineradoras e dissociada da realidade da maioria dos trabalhadores mineiros.

Em relação ao perfil dos profissionais que atuavam na mineração, Volpato assim se pronuncia:

As empresas mineradoras carboníferas apresentam em média 75 a 80% de pessoal não qualificado, cujo índice coincide com a declaração de 80% dos trabalhadores, que dizem exercer seus trabalhos sem nenhum treinamento ou curso de adestramento profissional. Aprenderam se ‘interessando’, ‘olhando’, 15%, afirmam que tiveram curso de treinamento e 5% não prestaram informação ¹²⁹.

Com essa observação, é possível perceber que, de modo geral, o trabalho mineiro era um trabalho que não exigia uma maior qualificação técnica profissional, sendo a educação desses mineiros, realizada na prática do trabalho. Outra característica apontada pela autora refere-se à reprodução deste grupo profissional (mineiros), normalmente formado pelos filhos dos próprios mineiros.

Ao completarem 21 anos, quase todos os que não têm perspectiva de promoção no emprego, passam a procurar as companhias mineradoras para ‘se fichar nas minas’. Todas as carboníferas dão

¹²⁸ VOLPATO, Terezinha Gascho, 1984. op. cit., p. 76.

¹²⁹ VOLPATO, Terezinha Gascho, 1984. op. cit., p. 76.

preferência aos filhos de mineiros em relação a outros candidatos, sempre que estes preencham as exigências de costume ¹³⁰.

No tocante a educação dos filhos dos mineiros, as escolas públicas das vilas operárias eram o lugar em que eles estudavam.

Nem todas as crianças que foram matriculadas nas escolas dos bairros operários concluem o primeiro grau. A educação sistemática nas escolas públicas não alcança o objetivo de entregar a sociedade indivíduos alfabetizados e capazes de se promoverem socialmente, via educação ¹³¹.

O que se percebe é que as escolas públicas localizadas nas vilas operárias eram o lugar onde se concentravam os filhos dos mineiros, e essa educação era marcada pela falta de qualidade e pela falta de amparo e apoio à família mineira. Essa educação não possibilitava, em grande medida, que os filhos dos mineiros pudessem ascender socialmente, e eles estavam presos, em geral, a seguirem o caminho de seus pais, contribuindo para o que Bourdieu sinaliza como papel da escola na reprodução da sociedade moderna.

Diante desse quadro, muito embora o discurso da SATC seja o de uma Instituição de atendimento aos filhos dos mineiros, representada como o “diamante” da indústria mineradora para com os mineiros da região carbonífera, percebe-se, muito mais, um local seletivo, ao qual uma minoria privilegiada tinha possibilidades de acesso e era formador de uma “elite trabalhadora” cuidadosamente selecionada e preparada, que exerceria pequenas funções técnicas na indústria mineradora e de supervisão da força de trabalho mineira, servindo de possível aliado dos mineradores no restante dos trabalhadores mineiros.

Sobre a percepção dos mineiros relativamente a SATC, Samira Rousseng, mais especificamente no capítulo, “A conquista de um lugar na Escola Técnica”, traz algumas pistas de qual poderia ser a percepção predominante das famílias mineiras, no que concerne à SATC, percebida como uma escola rigorosa e de excelência, que

¹³⁰ VOLPATO, Terezinha Gascho. **Os trabalhadores do carvão**: a vida e as lutas dos mineiros de Criciúma. Florianópolis, SC, 1989. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade de São Paulo. São Paulo, p.126.

¹³¹ VOLPATO, Terezinha Gascho, 1989. op. cit., p.124.

oportunizaria um futuro melhor para os alunos que nela conseguiam ingressar.

Os entrevistados foram quase que unânimes em afirmar que um dos fatores para a entrada deles na SATC foi a oportunidade de vislumbrar um futuro promissor, com um emprego garantido. Carlos Renato Carola, 43 anos, um dos entrevistados, aponta que toda família de mineiro gostaria que seus filhos estudassem na escola, representando uma possibilidade de futuro para um jovem ¹³².

A Instituição era dividida em Ginásio Industrial e Aprendizado Industrial, o curso de Ginásio Industrial admitia alunos de no mínimo onze anos de idade e também era conhecido como “Vocacional”, possuindo um currículo de quatro anos. Apesar de sua equivalência ao Ginásio normal, tal ginásio buscava inserir o aluno em práticas de oficina orientadas, de modo que ele pudesse escolher uma atividade profissional no curso de Aprendizagem Industrial. No 3º e 4º ano do Ginásio Industrial, os alunos eram orientados à uma prática profissional (Artes Industriais), em que, ao lado do currículo de cultura geral, eram ministrados também cursos equivalentes ao de Aprendizagem Industrial. O ginásio ganhava, a partir do 3º e 4º ano, o nome de Ginásio Orientado para o Trabalho (GOT) ¹³³. Na Tabela 8, é possível observar a distribuição das matérias em cada série do Ginásio Industrial.

¹³²FARIAS, Samira Rousseng. **Narrativas de Vidas Escolares na voz de ex-alunos/as (Sociedade de assistência aos trabalhadores do carvão- SATC- Criciúma/ Década de 1970)**. 2007. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, p.24-33

¹³³ “A SATC e A ASSISTÊNCIA SOCIAL NA ZONA CARBONÍFERA DE SANTA CATARINA”. Acervo da SATC. p. 13.

Tabela 8: Ginásio Industrial da SATC.

Distribuição das Matérias obrigatórias no Ginásio Industrial em 1969				
Disciplinas Obrigatórias.	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série
Português.	4	4	4	4
Matemática.	4	4	4	4
História.	2	2	X	X
Geografia.	2	2	X	X
Ciências.	2	2	2	2
Desenho Técnico.	X	X	4	4
Tecnologia.	X	X	4	4
Educação Moral e Cívica.	2	2	2	2

Fonte: **REGIMENTO** interno da SATC, 1969, p. 13. Acervo da SATC.

Desde a entrada do estudante, as disciplinas e organização curricular, eram voltadas para um ensino profissionalizante, tendo no Ginásio Industrial uma etapa, na qual os estudantes eram orientados (em especial nos últimos anos) a escolherem uma profissão e, por consequência um curso profissionalizante na fase seguinte de sua escolarização. Disciplinas escolares, tais como geografia e história, que já possuíam menor carga horária em relação as demais, deixam de ser ensinadas nos dois últimos anos, dando espaço a disciplinas de teor profissionalizantes. A disciplina de educação moral e cívica permeava toda a formação ginásial. Ademais, das disciplinas obrigatórias, a SATC oferecia disciplinas optativas de inglês e desenho, oferecidas a partir da 3ª série, e Práticas Educativas em Educação Física (da 1ª a 4ª séries), Artes Industriais (1ª e 2ª séries) e Iniciação Profissional (3ª e 4ª séries) ¹³⁴.

O curso de Aprendizagem Industrial, seria a segunda fase de formação dos alunos, possuía um currículo de dois anos, e a idade mínima para se iniciar o curso era de 14 anos, voltado ao ensino profissionalizante e oferecia ao concluinte uma menção do ofício cursado.

¹³⁴ **RELATÓRIO** de atividades da SATC, 1969. p. 13. Acervo da SATC.

Inicialmente, o curso de Aprendizagem Industrial contava com os seguintes cursos: Ajustador, Torneiro Mecânico, Serralheiro (Caldeiro), Eletricista, Solda, Marceneiro. Em 1968, a escola criou mais um curso, chamado de Oficina de Automóveis e, em 1969, o primeiro curso técnico de Eletro-Mecânica. Com isso, a Instituição muda em 1969 de nome, e passa a se chamar Escola Técnica Industrial General Oswaldo Pinto da Veiga¹³⁵. Os cursos técnicos ampliaram-se a partir da década de 1970 e, no começo da década de 1980, os cursos de aprendizagem industrial não foram mais ministrados.

A estrutura curricular de ensino da SATC privilegiava a profissionalização dos estudantes e seu encaminhamento ao mercado de trabalho. Ainda assim, a Instituição oferecia atividades extra-curriculares de caráter cultural, entre elas a formação do Grêmio Estudantil, chamado de Grêmio Estudantil Tiradentes (GET), tendo como presidente de honra os Irmãos Maristas. Tal grêmio era responsável por organizar as atividades festivas, como a Semana da Pátria, Dia do Trabalho, entre outras iniciativas de cunho festivo e patriótico. A Instituição também contava com uma Banda Marcial fundada em 1968, que possuía aproximadamente noventa participantes naquele período, e de um grupo musical chamado “Os Industriais”. Outra iniciativa era a formação de grêmios literários que, na década de 1960, chegaram a três. O Grêmio Literário Olavo Bilac, fundado em 1966 o Grupo Literário estudantil Rui Barbosa, fundado em 1968 para atender os alunos da 3º série e, em 1969, o Grêmio Literário Castro Alves, voltado aos alunos do ensino técnico¹³⁶.

Ainda que as associações fossem estudantis, a Escola tinha representantes em cada uma das agremiações, responsáveis por assistir e coordenar as ações dos diferentes grupos. Entre as intenções manifestadas pela Instituição estava a educação de seus participantes, no tocante à cultura geral desses jovens, o fomento ao espírito de iniciativa, o espírito de equipe, formação religiosa, cívica, literária e científica dos alunos¹³⁷. Para além do discurso oficial presente nos relatórios, é possível perceber, nessas agremiações e iniciativas, dispositivos pedagógicos de disciplinarização, com o fim de inculcar e formar, nos

¹³⁵O General Oswaldo Pinto da Veiga trabalhou na comissão do plano do carvão Nacional (CPCAN). E foi um dos incentivadores em nível federal pela ampliação da SATC e seu serviço técnico. Sendo por isso homenageado com o nome da escola. **RELATÓRIO** de atividades da SATC, 1969, p. 3. Acervo da SATC.

¹³⁶Informações retiradas dos Relatórios de atividades da SATC (1963-1969).

¹³⁷**REGIMENTO** interno da SATC, 1969, p. 26. Acervo da SATC.

alunos, hábitos e valores condizentes com o que a SATC entendia como úteis. É importante notar que essas organizações, também eram utilizadas largamente nas comemorações cívicas da Instituição, responsáveis por promover iniciativas no Dia 7 de Setembro, entre outras datas cívicas e religiosas, entendidas como importantes, além disso, eram utilizadas para recepcionar visitantes “ilustres”.

Igualmente era realizada, no fim de cada ano, uma cerimônia de premiação dos melhores alunos da instituição em diferentes quesitos. (Tabela 9).

Tabela 9: Prêmios oferecidos pela SATC

PRÊMIO DE EXCELÊNCIA	Oferta da SATC aos alunos melhores classificados em cada série de ambos os cursos da Escola Industrial
PRÊMIO CHAMPAGNAT	Oferta dos Irmãos Maristas aos alunos de excelente comportamento e aplicação, também, de cada série dos cursos da Escola
PRÊMIO MELHOR COMPANHEIRO	Oferta do Lion – Clube – Criciúma – Centro ao aluno de cada série de ambos os cursos. Indicado pelos colegas como o melhor companheiro do ano.
PRÊMIO DISTINÇÃO	Oferta da Câmara Junior de Criciúma aos alunos das 4ª séries do ginásio e oferta do Rotary- Clube-Oeste aos alunos das 2ª séries do Aprendizagem Industrial que obtiveram nota 10, durante todo o ano, em qualquer disciplina do currículo escolar.
PRÊMIO INTERNATO	Oferta da Direção do Internato ao melhor aluno interno de cada série da Escola.
PRÊMIO MELHOR APRENDIZ	Oferta do Lions-Clube-Criciúma-Centro aos alunos do Ginásio e oferta do Rotary-Clube-Centro aos alunos do Aprendizagem, que se destacaram como os melhores aprendizes de ofício das várias secções profissionais que a escola mantém
PRÊMIO APLICAÇÃO OFICINAS	Oferta do SENAI ao melhor aluno formado (de cada curso) entre todas as secções de oficinas da Escola.
PRÊMIO ESCOLA INDUSTRIAL	Oferta da Direção da Escola ao aluno que durante o seu curso obteve nota 10, sempre, em qualquer disciplina do currículo escolar

Fonte: Dados retirados do Relatório de Atividades da SATC (1968). Acervo da SATC

É possível perceber nesses prêmios a intencionalidade de valorizar e colocar como exemplo a ser seguido pelos demais, de alunos que tivessem as melhores notas e melhor aproveitamento nos cursos

profissionalizantes, mas também alunos com melhor comportamento e espírito de equipe. Em relação a esta estratégia, Dallabrida sinalizou a utilização de prêmios escolares, a fim de evidenciar os alunos modelos no Ginásio Catarinense:

Ademais, o processo de incitamento à produção discente era alimentado pela emulação, uma tradição escolar jesuítica. A ‘*Raio Studiorum*’ recomendava aos professores jesuítas que procurassem ‘alimentar uma digna emulação, que é de grande estímulo para os estudos’ e previa a premiação dos melhores alunos. No século XIX, com o advento da sociedade disciplinar, que aboliria os castigos corporais nos colégios jesuíticos, a emulação e a premiação foram ainda mais tonificadas e aperfeiçoadas ¹³⁸.

Dessa forma, avalia-se que o acesso e permanência na Instituição, eram relativamente rigorosos, não atendendo, em grande medida, aos filhos dos mineiros da região carbonífera. A seleção dos alunos buscava selecionar os melhores, que, além de cumprir os regulamentos da SATC, deveriam ter prévio conhecimento de português, matemática e outros conhecimentos. Dentre os selecionados, é possível constatar um currículo voltado ao ensino profissionalizante, desde o Ginásio Industrial, almejando que os alunos se encaminhassem a um ofício. Entretanto, é importante perceber que essa formação escolar de uma “elite trabalhadora” ia além das disciplinas escolares, as associações estudantis e atividades promovidas e incentivadas pela Instituição, encerravam igualmente um objetivo pedagógico, inculcando valores cívicos, religiosos e de trabalho em equipe. As diversas premiações oferecidas pela SATC também podem ser vistas nessa direção, a tomar como exemplo e modelo a ser seguido, os alunos merecedores dos prêmios.

¹³⁸ DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: O ginásio catarinense na primeira república**. Florianópolis: Cidade Futura. 2011. p. 165.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção do presente trabalho, ao tomar como reflexão a história de emergência da SATC entre as décadas de 1950 e 1960, partiu dos seguintes problemas levantados do presente: o papel cada vez maior que as instituições filantrópicas possuem na educação e a política pública para educação, pautada no financiamento público para instituições filantrópicas. Ao se retomar e alargar a perspectiva histórica sobre o papel da SATC no período de sua fundação problematizou-se o principal argumento da Instituição para seu estatuto filantrópico: o de apresentarem a história da SATC como pautada na benevolência descompromissada e no esforço único das empresas mineradoras para com os mineiros da região carbonífera do sul catarinense. Tal ato de benevolência teria sido levado sob três perspectivas: (1). Combate à mortalidade infantil. (2) Educação profissionalizante dos filhos dos mineiros da região carbonífera. (3) Financiamento e iniciativa tão somente das empresas mineradoras. Não se trata aqui de negar o papel da Instituição no combate à mortalidade infantil na década de 1950 e 1960, tampouco desmerecer a iniciativa de construir uma instituição educacional profissionalizante para a região carbonífera. Todavia, tais discursos apresentaram limitações e contradições.

Observa-se, na análise do Serviço Social da SATC, uma justificativa médica à mortalidade infantil, percebendo, no “ciclo da ignorância.” As famílias mineiras como praticamente as únicas responsáveis por aquele quadro social, isentando ou omitindo que as empresas mineradoras tinham parcela de responsabilidade. Trabalhos, como o de Rabelo e Carola, ajudaram a notar nas iniciativas do Serviço Social da SATC, uma aliança entre os detentores do poder econômico e político da cidade e parte dos detentores do poder religioso. No qual, além de um combate à mortalidade infantil, estava em marcha um processo pedagógico de educação da comunidade mineira, tendo como alvo principal as mulheres. Tal educação, estava pautada em uma perspectiva de combate ao movimento organizado dos trabalhadores, e em uma visão sexista em relação ao papel das mulheres: na tarefa de serem “boas mães e boas esposas”. Tais reflexões, apoiadas em conceitos tratados por Michel Foucault como Micro-Poder, normatização, Biopoder, ajudaram a perceber nas ações do Serviço Social da SATC um processo de controle, vigilância e normatização das vilas operárias mineiras, objetivando o controle dos mineiros, combatendo os setores organizados dos trabalhadores, e uma educação

moral pautada nos interesses dos mineradores e das religiosas. Neste caminho, o levantamento bibliográfico realizado, buscando trazer as contribuições dos trabalhos acadêmicos que tiveram como objeto de análise central, a região sul de Santa Catarina entre as datas de 1950 e 1960. Assim como a Instituição SATC, ajudaram a desenhar um quadro político social do período, corroborando para uma melhor percepção sobre a região, sobre os conflitos e dilemas sociais vivenciados na época, e a construção do complexo carbonífero Sul Catarinense no qual esta ensirido o processo de emergência e consolidação da Instituição SATC, permitindo assim elementos para um contra-ponto a história narrada pelas empresas mineradoras.

Em relação à Escola Industrial Masculina da SATC (posterior Escola Técnica), parece evidente a dificuldade de se defender que a instituição atendia a todos os filhos dos mineiros da região carbonífera. Apresenta-se muito mais como um local seletivo, no qual uma minoria de crianças, previamente selecionadas, tinha acesso à Instituição, crianças que entravam num processo em que eram formadas para se constituírem no que parece uma “elite trabalhadora”. Neste sentido, as reflexões de Pierre Bourdieu sobre a Meritocracia no sistema escolar, ajudaram a perceber no teste de seleção/admissão assim como nas regras de permanência da Instituição, dispositivos que visavam selecionar os alunos “mais preparados”, excluindo o acesso e permanência na instituição da maior parte dos filhos dos mineiros. Os alunos selecionados formavam um grupo de certa forma, desconectado da realidade da maior parte dos filhos dos mineiros da região carbonífera, que, estudavam nas escolas públicas das vilas operárias. Nesta direção, o trabalho de Volpato, ajudou a perceber a realidade dos trabalhadores do carvão e seus filhos, nas mais diversas minas da região (Manual, Mecanizada e semi-mecanizadas), ajudando a perceber, que o trabalho mineiro, era um trabalho muito mais prático e de pouca instrução escolar/técnica, e a realidade na qual a maior parte dos filhos dos mineiros da região Sul Catarinense, estudavam nas escolas públicas das vilas operárias. Com isso, abre-se a reflexão e futuros trabalhos sobre para quais setores e funções da indústria mineradora eram formados os alunos da SATC, e seu papel na constituição do complexo carbonífero sul catarinense.

Ao mesmo tempo, foi possível perceber que, ao contrário do discurso predominante, o Estado brasileiro teve papel importante no financiamento da SATC, no qual era realizado de forma direta, pelas mais diversas formas de subvenções públicas Estaduais e Federais,

assim como indiretamente, por meio da contribuição das minas Estatais sul catarinenses, que eram sócias da Instituição e igualmente as maiores produtoras de carvão, e consequentemente maiores financiadoras da SATC. Neste sentido, o financiamento público direto e indireto foi importante para a constituição e manutenção da SATC, desde sua fundação, sem o qual, possivelmente, a Instituição não teria surgido e se mantido. Isso permite, um maior debate e reflexão crítica sobre o financiamento público (direto e indireto) de instituições filantrópicas e suas respectivas contrapartidas sociais.

Em última análise, observaram-se na Instituição filantrópica não gestos e ações puramente descompromissadas da indústria mineradora, e sim, ações sociais e pedagógicas que buscavam atender aos interesses das próprias mineradoras. Tais ações, se davam por intermédio do serviço social, na formação de indivíduos saudáveis para a indústria mineradora, e com uma perspectiva voltada ao trabalho obediente e disciplinado. Ademais, por meio da seleta Escola Industrial Masculina da SATC, formando grupos técnicos para serviços pontuais e emergentes do processo de expansão do complexo carbonífero, excluindo neste caso, o acesso a maior parte dos filhos dos mineiros. Com isso, é possível observar muito mais interesses privados e corporativos das empresas mineradoras e de parte do poder religioso nas ações da SATC, do que ações filantrópicas e descompromissadas.

Ao se alargar a perspectiva histórica de análise da Instituição em foco, amplia-se o debate sobre a função social desta e de outras instituições filantrópicas e o papel das mesmas na Educação. A instituição em análise realizou uma compensação social que justifica o financiamento estatal, ou pode ser encarada, muito mais, como um micro-poder das empresas mineradoras aliadas à parte do poder religioso no controle e normatização dos trabalhadores mineiros, cuidando basicamente de seus interesses privados? Ao perceber que os filhos dos mineiros, em sua maioria, eram atendidos nas escolas públicas das vilas operárias, e não na SATC, não pode ser visto de forma crítica o financiamento público dessa instituição em detrimento de um melhor atendimento e estrutura das instituições públicas? Nos dias atuais, a SATC realiza uma compensação social que justifique o estatuto filantrópico e sua capacidade de captação de recurso público? É possível falar de Instituição filantrópica, atendendo ao bem comum, sem se guiar por interesses privados? As políticas públicas em educação devem se guiar por uma maior participação das instituições privadas e filantrópicas ou em um maior espaço das instituições públicas?

Mais do que respostas, o presente trabalho buscou questionar ideias predominantes sobre a história da SATC e, com isso, trazer ao debate público o seu papel e o de outras instituições filantrópicas no Brasil, voltadas para a educação. Nesta direção, algumas perspectivas de análise futuras se apresentam para uma melhor compreensão sobre o tema, entre as quais destaca-se: Uma análise aprofundada sobre a cultura escolar da Instituição de ensino, tendo na História Oral e na análise de entrevistas de ex-alunos da SATC na década de 1960 objeto de análise e reflexão, trazendo assim a percepção dos ex-alunos sobre a Instituição e suas respectivas trajetórias escolares e de vida. Outra perspectiva, é perceber e analisar a Instituição nos dias atuais, seu estatuto filantrópico e sua atual captação de recursos públicos. Tal análise, permitiria perceber a SATC na atualidade, a contribuição pública na manutenção da instituição e uma reflexão sobre a contribuição social da instituição hoje. Tal reflexão permitiria entender e problematizar o papel das instituições filantrópicas, a partir de um estudo de caso, na educação brasileira.

DOCUMENTOS/FONTES

A SATC e a assistência social da zona carbonífera de Santa Catarina. II Simpósio Nacional do Carvão. 1965. Acervo da SATC.

ATA da Assembleia Geral de Fundação da Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão (SATC). 1959. Acervo da SATC.

REGIMENTO interno da SATC. 1960. Acervo da SATC.

REGIMENTO interno da SATC. 1964. Acervo da SATC.

REGIMENTO interno da SATC. 1968. Acervo da SATC.

REGIMENTO interno da SATC. 1969. Acervo da SATC.

RELATÓRIO de atividades da SATC. 1963 a 1969. Acervo da SATC.

Diário Oficial: Estatuto da SATC. 1960. Acervo da SATC.

Diário Oficial: Atualização e Reforma dos Estatutos da SATC. 1964. Acervo da SATC.

TERMO DE CONVÊNIO ENTRE PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA E A SATC. 1993. Acervo do município.

REFERÊNCIAS

ALVES, Darlan. **Poder e futebol na metrópole do carvão**. 2001. Monografia (Especialização em História Social do Ensino Fundamental e Médio). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis.

ALVES, Ismael Gonçalves. **Faces da assistência social do setor carbonífero catarinense: Criciúma, (1930-1960)**. 2009. Dissertação (Mestrado Em História). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BENEDET, Ângela Maria. **Quando as engrenagens se movimentam (ou a criação da SATC em Criciúma e sua administração pelos Irmãos Maristas, mineradores e SENAI 1963 a 1990)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis.

BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, Pierre. O capital social; notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice, CATANI, Afrânio. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 65-69.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice, CATANI, Afrânio. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 71-79.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Classificação, desclassificação, reclassificação. In: NOGUEIRA, Maria Alice, CATANI, Afrânio. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 145-183.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In NOGUEIRA, Maria Alice, CATANI, Afrânio. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, p. 39-64.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. 1997. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

CAROLA, Carlos Renato. (Org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina: Impactos Sociais e Ambientais**. Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2011.

COIMBRA, David. **Atravessando a escuridão: memórias de um comunista casual**. Criciúma: UNESC, 1996.

COSTA, Marli de Oliveira. **Artes de viver: recriando e reinventando espaços-memórias das famílias da Vila Operária mineira Próspera Criciúma (1945/1961)**. 1999. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

COUTINHO, Adelaide Ferreira. Filantropia em educação no Brasil: a outra face da oferta de educação básica aos pobres ou demissão do Estado? Disponível em: <<<http://www.anped.org.br>>>. Acesso em 20 de ago. 2010.

COUTINHO, Adelaide Ferreira. **As Organizações Não Governamentais e a Educação básica oferecida aos pobres: Do consenso da oferta à ação privatizante**. Natal: 2005. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o ginásio catarinense na primeira república**. Florianópolis: Cidade Futura, 2011.

DINIZ, Paulo Vinicius Lamana. **Educação profissional e filantropia capitalista: Dimensões e significados de um projeto de “responsabilidade social empresarial”**. Uberlândia, MG, 2010 Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia.

FARIAS, Samira Rousseng. **Narrativas de vidas escolares na voz de ex-**

alunos/as (Sociedade de assistência aos trabalhadores do carvão-SATC- Criciúma/Década de 1970). 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma.

FONSECA, Paulo Cezar. **Vargas: o capitalismo em construção.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

FONTES, Virginia. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história.** Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: NAU, 2001.

FOUCAULT, Michel. **O homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault.** 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina.** Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

GOULARTI FILHO, Alcides. (Org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina.** Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

LARA, Larissa Lenardi; BURIGO, Lize. **Com o carvão mineral, há 50 anos essa história começou.** SATC. 2009.

LAMINI, Valério Feliciano. **Sindicato dos mineiros de Criciúma durante o golpe militar de 1964: perseguições, reestruturações e resignificações.** 2005. Monografia (Graduação em História). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis.

LEMOES, Gustavo Perez. **Mineiros e sindicalistas na cidade do carvão: Criciúma (1952-1964).** 2008. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma 70 anos: 1925/1995: ensaio para a sua história político-administrativa**. Criciúma: Do Autor, 1995.

NASCIMENTO, Dorval do. **Nas curvas do trem: a presença da Estrada de Ferro no Sul de Santa Catarina (1880-1975): cidade, modernidade e vida urbana**. Criciúma: UNESC, 2004.

PIROLA, Claudionor. **A Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão – SATC: educação, assistencialismo e política** (Criciúma, 1959 – 1969). 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

RABELO, Giani. **Entre o hábito e o carvão: pedagogias missionárias no sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX**. Porto Alegre, RS, 2008 Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica de mercado. **Educação e sociedade**, v. 24, n.º 82. Campinas-SP: abril de 2003.

RODRIGUES, Edson Carlos; WITTMANN, Lauro Carlos. **A educação dos trabalhadores das minas no interior das lutas da categoria: em busca da educação do educador**. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

SILVA JR., José da. **Santos Guglielmi, a trajetória do empreendedor**. Criciúma: Empresas Gulglielmi, 1998.

SOARES. Teixeira. **O Brasil no Conflito ideológico global: 1937-1979**. Rio de Janeiro: Civilização, 1980.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942 o processo do desenvolvimento brasileiro na 2ª guerra mundial**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Insular, 1996.

VALLE, Ione Ribeiro; RUSCHEL, Elizete. A meritocracia na política educacional brasileira (1930-2000). **Revista Portuguesa de Educação**. Porto/Portugal, Instituto de Educação e Psicologia/Universidade do Minho, v. 22, n. 1, p. 179-206, 2009.

VALLE, Ione Ribeiro; RUSCHEL, Elizete. Política educacional brasileira e catarinense (1934-1996): Uma inspiração meritocrática. **Revista Eletrônica de Investigación y Docência**, 2010, v. 3, p. 73-92.

VEDANA, Léa Maria Ferreira. **Aprender para Desenvolver: diferentes visões da Política Educacional durante o Regime Militar em Santa Catarina (1964/1974)**. 1998. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **Os trabalhadores do carvão : a vida e as lutas dos mineiros de Criciúma**. Florianópolis, SC, 1989. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade de São Paulo. São Paulo.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **A pirita humana: os mineiros de Criciúma**. Florianópolis: UFSC; Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **Vidas marcadas: trabalhadores do carvão**. Tubarão: UNISUL, 2001.

ZACHARIAS, Manif. **Minha Criciúma de ontem**. Criciúma: Edição do autor, 1999.